

Melhores Poemas

CECÍLIA MEIRELES

Seleção de André Seffrin



**global**  
editora

Melhores Poemas

CECÍLIA MEIRELES

Seleção de André Seffrin



**global**  
editora

# dLivros

{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by [convertEPub](#)

Melhores Poemas

# CECÍLIA MEIRELES

Direção  
EDLA VAN STEEN  
Seleção e prefácio  
ANDRÉ SEFFRIN

\*\*\*

1ª edição digital

São Paulo  
2020

**global**  
editora

# O GOSTO INFINITO DAS RESPOSTAS QUE NÃO SE ENCONTRAM

*Eu sou criatura de exílio. De todos os exílios.*

*CECÍLIA MEIRELES*

*(carta a Armando Côrtes-Rodrigues, 29 nov. 1946)*

É na tensão entre a geometria do discurso e o infinito do sensível, por meio de um olhar translúcido e um forte desejo de evasão, vizinho do sobrenatural, que Cecília Meireles empreende a sua viagem, metáfora do navegar, e edifica a sua poesia. Uma viagem sem termo pela memória, marcada pela distância de tudo e por uma alternada falta de respostas. Em outra carta a Armando Côrtes-Rodrigues, de 11 de março de 1946, afirma: “Estou muito feita de sobrenatural, e acho a realidade uma convenção”. Equívocos de interpretação da natureza de sua arte nasceram daí, dessa sua dúbia face, e foi então mais conveniente notá-la no que possuía de volátil e evanescente do que de essencial e particular. Porque sua índole é a do confronto, mesmo em seus prováveis compassos identificados como “espiritualistas” e “musicais”. Algo que não passou despercebido a Theodemiros Tostes, um de seus mais qualificados analistas, ao anotar em 1925 que na “música deliciosa dos seus versos, entre imagens de uma delicadeza estranha e duma originalidade inesperada, há sempre uma ideia dominante”.

Certa vez notou Cecília Meireles que há muita autobiografia na obra literária de Mário de Andrade, observação baseada, é claro, no itinerário

mental do autor, livro a livro. Em alguma medida, essa notação define sua própria poesia, movida por autorretratos de órfã exilada que eventualmente delineiam uma autobiografia – caracterizada às vezes como antibiografia tal a ambiguidade, a alteridade e a fragmentação de seus extratos memorialísticos banhados em extremada perplexidade existencial. Porque em Cecília o poeta se autorretrata frequentemente à procura do clã, de seus ancestrais dispersos no desenho da vida, e até num suposto outro lado da vida. Navegação que se projeta em conflitos arquetípicos, nutridos na aparente dicotomia de um sereno desespero, emblematicamente fixado no verso final de “Epitáfio da navegadora”, de *Vaga música*. Essa mitopoética plurivalente e universal, Cecília Meireles conseguiu adensar de um modo sem precedentes na literatura de língua portuguesa moderna.

Mesmo nos seus poemas, por assim dizer, menos pessoais, podemos encontrar ocasionalmente camadas destas aludidas autobiografias ou antibiografias, bem nítidas, outras disfarçadas ou quase intangíveis por força dos códigos da criação em seus múltiplos espelhos. E não faltam espelhos nesta poesia obsessiva e polissêmica de Cecília Meireles, tão luminosa em seus enigmas, radiante no que oculta e no que provisoriamente revela. E ao revelar-se, nesse seu passeio genealógico desenhado com precavido distanciamento, costuma considerar o que não lhe cabe por diferente, como no “Epigrama nº 7”, de *Viagem*:

A tua raça quer partir,  
guerrear, sofrer, vencer, voltar.

A minha, não quer ir nem vir.  
A minha raça quer *passar*.

“Inventário da vida deveria chamar-se uma obra tal, que a ela nada escapou”, resumiu mais tarde Darcy Damasceno. Inventário da vida que um apurado senso literário e filosófico soube equilibrar em crescente aprendizado das nossas melhores heranças culturais, de ocidente e oriente. E não se ignora que seu lugar é entre nossos mais preparados e importantes poetas, entre os poucos que podemos ter na mais alta conta de nossas conquistas éticas e estéticas.

Além desse incomum preparo intelectual, teve Cecília Meireles igualmente as suas heranças de sangue que, transverberadas em arte pela memória involuntária – ficções da memória deveríamos dizer –, em seu caso se tornaram paradigmáticas e como tal nunca por ela negligenciadas ou contornadas, embora amortecidas ou até secretas quando certos recursos estilísticos o exigiram. Em seu elemento, uma vida reinventada em poesia, a que lhe restou, a única possível. É uma poesia encarada não exatamente como instrumento de cura (comum a tantos poetas), mas de disciplina órfica que, embora mística, se manteve afastada de qualquer apologia nessa espécie de ascese agnóstica em que moldou todo seu legado, em verso ou prosa – na incessante e angustiada sondagem dos arcanos inacessíveis, na sua “aventura do sonho exposto à correnteza” da vida, a recolher “o gosto infinito das respostas que não se encontram”, como assinala em “Noções”, ainda do livro *Viagem*.

É conhecida a célebre polêmica que envolveu esse livro e a instituição que o distinguiu (prêmio Olavo Bilac de poesia, Academia Brasileira de Letras, 1938), batalha feroz que extrapolou o âmbito acadêmico. O parecer do relator da comissão julgadora, Cassiano Ricardo, foi determinante: as qualidades excepcionais dos poemas de *Viagem* facilitaram uma avaliação por *contraste* e não por *confronto*. Com indisfarçável ironia, em crítica que dedicou à obra na época, Mário de Andrade inverteu a láurea ao afirmar que a Academia é quem deveria sentir-se premiada com a poesia de Cecília. Verdade é que, para Cecília,

o reconhecimento imediato da melhor crítica, principalmente lusa, ajudou a minorar aborrecimentos. Não apenas os habituais aborrecimentos restritos ao meio acadêmico e literário, mas os de outra ordem – nos embates da vida, como deixou registrado no texto de agradecimento ao prêmio, que se recusou a ler por conta da parcial censura prévia de uma ABL zelosa de seus princípios pouco simpáticos à literatura nova. Depois do episódio, como se sabe, a Academia assumiu nova postura em relação à poesia moderna, e Cecília Meireles se transformou cada vez mais no que passou a escrever – para João Gaspar Simões, uma poesia na qual “tudo é moderno menos o que não podia deixar de ser antigo”.

Ela que tanto se mostrou ligada a símbolos, e muitas vezes símbolos numéricos, adotou naquela data (1939) o nome Meireles sem o *l* dobrado dos livros anteriores – *Espectros* (1919), *Nunca mais... e Poema dos poemas* (1923) e *Baladas para El-Rei* (1925), títulos que resolveu deixar de fora de sua obra “consentida”, a prestigiosa edição José Aguilar de 1958. Fez valer então a nova Cecília renascida poeticamente em *Viagem*. Uma prova de que preferiu preservar um *autorretrato* nada experimental ou circunstancial, dentro do que seria e foi a sua *verdade* como poeta, plenamente expressa na obra-prima “Motivo”:

Eu canto porque o instante existe  
e a minha vida está completa.  
Não sou alegre nem sou triste:  
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,  
não sinto gozo nem tormento.  
Atravesso noites e dias  
no vento.



Se desmorono ou se edifico,  
se permaneço ou me desfaço,  
– não sei, não sei. Não sei se fico  
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.  
Tem sangue eterno a asa ritmada.  
E um dia sei que estarei mudo:  
– mais nada.

Os próximos livros potencializaram esta sua desassossegada e imprevisível visão retentiva – nas evidências “sem definição” que fundam seus poemas mais autênticos, no espesso lirismo eventualmente épico de seus muitos circuitos. Nas edições que se sucederam a partir dos anos 1960, àquele conjunto fechado de obra reunida em 1958 somaram-se naturalmente os livros anteriores e posteriores, material disperso que também detalha e complementa sua trajetória, sucessivamente aberta a análises dos mais diversos e inesperados matizes. Tanto que podemos hoje falar das muitas cecílias em Cecília, e quem sabe até dos vagos, improváveis heterônimos adormecidos em suas multidenominadas figuras que hiperbolicamente dialogam em território ímpio, sem remissão, como o dos poemas de *Solombra*, com suas vozes do outro lado.

Muito antes disso, em “Explicação”, de *Vaga música*, os últimos versos já antecipam uma outra persona (outras?) a nos reger de fora, além do tempo –

(Navego pela memória  
sem margens.

Alguém conta a minha história

e alguém mata os personagens.)

É quando em seu discurso o etéreo desloca e embaralha os perfis. E nesses seus jogos quase lúdicos, ela não dispensa a ironia (“leves tons de ironia”, diria Henriqueta Lisboa) e mesmo alguns ataques frontais às injustiças e aos desmandos dos poderosos da hora, ataques que preponderam nas crônicas, e são menos evidentes na poesia. Essa sua dimensão, digamos, política, em grande parte subjacente nos livros das décadas de 1930 e 1940 e que antecipa os monólogos e diálogos do *Romanceiro da Inconfidência*, é preciso, sempre que possível, trazer ao centro do palco. Mesmo que temperada pelo que alternadamente é tido como mais representativo e característico de sua poética – o surrealismo das muitas “visões” que a nutriram desde *Nunca mais... e Poema dos poemas*, o fantasmagórico e o alucinatório, por vezes dominante, como no último poema dos *Doze noturnos da Holanda*, ou a persistente angústia sem redenção que atinge seu ápice na série nuclear de *Solombra*.

Cecília Meireles assim concretizou verbalmente sua desencantada visão dos horizontes terrestres, canto que desentranhou da vida de modo crispado e solitário: “Que procuras? – Tudo. Que desejas? – Nada./ Viajo sozinha com o meu coração.” E no dilema “ou isto ou aquilo”, não buscou em autorretratos explicar-se, mas indagar-se na intuição ou no pressentimento de tudo que acaba ou se renova no contínuo do mundo. Quando se descortinam em sua poesia “outras ordens, que não foram bem ouvidas”, lá onde “uma outra boca falava: não somente a de antigos mortos”, conforme anuncia no poema “Mar absoluto”, do livro homônimo.

Nesta maneira peregrina de se autopercorrer, Cecília Meireles recordou o mundo para nele traduzir-se em poemas, porque, como registra em “Desenho”, de *O estudante empírico*,

Somos sempre um pouco menos do que pensávamos.  
Raramente, um pouco mais.

*André Seffrin*

# POEMAS

**VIAGEM**

## MOTIVO

Eu canto porque o instante existe  
e a minha vida está completa.  
Não sou alegre nem sou triste:  
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,  
não sinto gozo nem tormento.  
Atravesso noites e dias  
no vento.

Se desmorono ou se edifico,  
se permaneço ou me desfaço,  
– não sei, não sei. Não sei se fico  
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.  
Tem sangue eterno a asa ritmada.  
E um dia sei que estarei mudo:  
– mais nada.

## RETRATO

Eu não tinha este rosto de hoje,  
assim calmo, assim triste, assim magro,  
nem estes olhos tão vazios,  
nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,  
tão paradas e frias e mortas;  
eu não tinha este coração  
que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,  
tão simples, tão certa, tão fácil:  
– Em que espelho ficou perdida  
a minha face?

## CONVENIÊNCIA

Convém que o sonho tenha margens de nuvens rápidas  
e os pássaros não se expliquem, e os velhos andem pelo sol,  
e os amantes chorem, beijando-se, por algum infanticídio.

Convém tudo isso, e muito mais, e muito mais...  
E por esse motivo aqui vou, como os papéis abertos  
que caem das janelas dos sobrados, tontamente...

Depois das ruas, e dos trens, e dos navios,  
encontrarei casualmente a sala que afinal buscava,  
e o meu retrato, na parede, olhará para os olhos que levo.

E encolherei meu corpo nalguma cama dura e fria.  
(Os grilos da infância estarão cantando dentro da erva...)  
E eu pensarei: “Que bom! nem é preciso respirar!...”



## CANÇÃO

Pus o meu sonho num navio  
e o navio em cima do mar;  
– depois, abri o mar com as mãos,  
para o meu sonho naufragar.

Minhas mãos ainda estão molhadas  
do azul das ondas entreabertas,  
e a cor que escorre dos meus dedos  
colore as areias desertas.

O vento vem vindo de longe,  
a noite se curva de frio;  
debaixo da água vai morrendo  
meu sonho, dentro de um navio...

Chorarei quanto for preciso,  
para fazer com que o mar cresça,  
e o meu navio chegue ao fundo  
e o meu sonho desapareça.

Depois, tudo estará perfeito:  
praia lisa, águas ordenadas,  
meus olhos secos como pedras  
e as minhas duas mãos quebradas.

## CANÇÃO

Nunca eu tivera querido  
dizer palavra tão louca:  
bateu-me o vento na boca,  
e depois no teu ouvido.

Levou somente a palavra,  
deixou ficar o sentido.

O sentido está guardado  
no rosto com que te miro,  
neste perdido suspiro  
que te segue alucinado,  
no meu sorriso suspenso  
como um beijo malogrado.

Nunca ninguém viu ninguém  
que o amor pusesse tão triste.  
Essa tristeza não viste,  
e eu sei que ela se vê bem...  
Só se aquele mesmo vento  
fechou teus olhos, também...

## ACEITAÇÃO

É mais fácil pousar o ouvido nas nuvens  
e sentir passar as estrelas  
do que prendê-lo à terra e alcançar o rumor dos teus passos.

É mais fácil, também, debruçar os olhos no oceano  
e assistir, lá no fundo, ao nascimento mudo das formas,  
que desejar que apareças, criando com teu simples gesto  
o sinal de uma eterna esperança.

Não me interessam mais nem as estrelas, nem as formas do mar,  
nem tu.

Desenrolei de dentro do tempo a minha canção:  
não tenho inveja às cigarras: também vou morrer de cantar.

## TERRA

Deusa dos olhos volúveis  
pousada na mão das ondas:  
em teu colo de penumbras,  
abri meus olhos atônitos.  
Surgi do meio dos túmulos,  
para aprender o meu nome.

Mamei teus peitos de pedra  
constelados de prenúncios.

Enredei-me por florestas,  
entre cânticos e musgos.  
Soltei meus olhos no elétrico  
mar azul, cheio de músicas.

Desci na sombra das ruas,  
como pelas tuas veias:  
meu passo – a noite nos muros –  
casas fechadas – palmeiras –  
cheiro de chácaras úmidas –  
sono da existência efêmera.

O vento das praias largas  
mergulhou no teu perfume  
a cinza das minhas mágoas.

E tudo caiu de súbito,  
junto com o corpo dos naufragos,  
para os invisíveis mundos.

Vi tantos rostos ocultos  
de tantas figuras pálidas!  
Por longas noites inúmeras,  
em minha assombrada cara  
houve grandes rios mudos  
como os desenhos dos mapas.

Tinhas os pés sobre flores,  
e as mãos presas, de tão puras.  
Em vão, suspiros e fomes  
cruzavam teus olhos múltiplos,  
despedaçando-se anônimos,  
diante da tua altitude.

Fui mudando minha angústia  
numa força heroica de asa.  
Para construir cada músculo,  
houve universos de lágrimas.  
Devo-te o modelo justo:  
sonho, dor, vitória e graça.

No rio dos teus encantos,  
banhei minhas amarguras.  
Purifiquei meus enganos,  
minhas paixões, minhas dúvidas.  
Despi-me do meu desânimo –

fui como ninguém foi nunca.

Deusa dos olhos volúveis,  
rosto de espelho tão frágil,  
coração de tempo fundo,  
– por dentro das tuas máscaras,  
meus olhos, sérios e lúcidos,  
viram a beleza amarga.

E esse foi o meu estudo  
para o ofício de ter alma;  
para entender os soluços,  
depois que a vida se cala.  
– Quando o que era muito é único  
e, por ser único, é tácito.

## GUITARRA

Punhal de prata já eras,  
punhal de prata!  
Nem foste tu que fizeste  
a minha mão insensata.

Vi-te brilhar entre as pedras,  
punhal de prata!  
– no cabo, flores abertas,  
no gume, a medida exata,

a exata, a medida certa,  
punhal de prata,  
para atravessar-me o peito  
com uma letra e uma data.

A maior pena que eu tenho,  
punhal de prata,  
não é de me ver morrendo,  
mas de saber quem me mata.

## NOÇÕES

Entre mim e mim, há vastidões bastantes  
para a navegação dos meus desejos afligidos.

Descem pela água minhas naves revestidas de espelhos.  
Cada lâmina arrisca um olhar, e investiga o elemento que a atinge.

Mas, nesta aventura do sonho exposto à correnteza,  
só recolho o gosto infinito das respostas que não se encontram.

Virei-me sobre a minha própria existência, e contemplei-a.  
Minha virtude era esta errância por mares contraditórios,  
e este abandono para além da felicidade e da beleza.

Oh! meu Deus, isto é a minha alma:  
qualquer coisa que flutua sobre este corpo efêmero e precário,  
como o vento largo do oceano sobre a areia passiva e inúmera...



## EPIGRAMA Nº 7

A tua raça de aventura  
quis ter a terra, o céu, o mar.

Na minha, há uma delícia obscura  
em não querer, em não ganhar...

A tua raça quer partir,  
guerrear, sofrer, vencer, voltar.

A minha, não quer ir nem vir.  
A minha raça quer *passar*.

## RESSURREIÇÃO

Não cantes, não cantes, porque vêm de longe os náufragos  
vêm os presos, os tortos, os monges, os oradores, os suicidas.  
Vêm as portas, de novo, e o frio das pedras, das escadas,  
e, numa roupa preta, aquelas duas mãos antigas.

E uma vela de móvel chama fumosa. E os livros. E os escritos.  
Não cantes. A praça cheia torna-se escura e subterrânea.  
E meu nome se escuta a si mesmo, triste e falso.

Não cantes, não. Porque era a música da tua  
voz que se ouvia. Sou morta recente, ainda com lágrimas.

Alguém cuspiu por distração sobre as minhas pestanas.  
Por isso vi que era tão tarde.

E deixei nos meus pés ficar o sol e andarem moscas.  
E dos meus dentes escorrer uma lenta saliva.  
Não cantes, pois trancei o meu cabelo, agora,  
e estou diante do espelho, e sei melhor que ando fugida.

## SEREIA

Linda é a mulher e o seu canto,  
ambos guardados no luar.  
Seus olhos doces de pranto  
– quem os pudera enxugar  
devagarinho com a boca,  
ai!  
com a boca, devagarinho...

Na sua voz transparente  
giram sonhos de cristal.  
Nem ar nem onda corrente  
possuem suspiro igual,  
nem os búzios nem as violas,  
ai!  
nem as violas nem os búzios...

Tudo pudesse a beleza,  
e, de encoberto país,  
viria alguém, com certeza,  
para fazê-la feliz,  
contemplando-lhe alma e corpo,  
ai!  
alma e corpo contemplando-lhe...

Mas o mundo está dormindo

em travesseiros de luar.  
A mulher do canto lindo  
ajuda o mundo a sonhar,  
com o canto que a vai matando,  
ai!  
E morrerá de cantar.

## DESTINO

Pastora de nuvens, fui posta a serviço  
por uma campina tão desamparada  
que não principia nem também termina,  
e onde nunca é noite e nunca madrugada.

(Pastores da terra, vós tendes sossego,  
que olhais para o sol e encontrais direção.  
Sabeis quando é tarde, sabeis quando é cedo.  
Eu, não.)

Pastora de nuvens, por muito que espere,  
não há quem me explique meu vário rebanho.  
Perdida atrás dele na planície aérea,  
não sei se o conduzo, não sei se o acompanho.

(Pastores da terra, que saltais abismos,  
nunca entenderéis a minha condição.  
Pensais que há firmezas, pensais que há limites.  
Eu, não.)

Pastora de nuvens, cada luz colore  
meu canto e meu gado de tintas diversas.  
Por todos os lados o vento revolve  
os velos instáveis das reses dispersas.

(Pastores da terra, de certos olhos,  
como é tão serena a vossa ocupação!  
Tendes sempre o indício da sombra que foge...  
Eu, não.)

Pastora de nuvens, não paro nem durmo  
neste móvel prado, sem noite e sem dia.  
Estrelas e luas que jorram, deslumbram  
o gado inconstante que se me extravia.

(Pastores da terra, debaixo das folhas  
que entornam frescura num plácido chão,  
sabeis onde pousam ternuras e sonos.  
Eu, não.)

Pastora de nuvens, esqueceu-me o rosto  
do dono das reses, do dono do prado.  
E às vezes parece que dizem meu nome,  
que me andam seguindo, não sei por que lado.

(Pastores da terra, que vedes pessoas  
sem serem apenas de imaginação,  
podeis encontrar-vos, falar tanta coisa!  
Eu, não.)

Pastora de nuvens, com a face deserta,  
sigo atrás de formas com feitios falsos,  
queimando vigílias na planície eterna  
que gira debaixo dos meus pés descalços.

(Pastores da terra, tereis um salário,  
e andará por bailes vosso coração.  
Dormireis um dia como pedras suaves.  
Eu, não.)

# VAGA MÚSICA



# EPITÁFIO DA NAVEGADORA

*A Gastón Figueira*

Se te perguntarem quem era  
essa que às areias e gelos  
quis ensinar a primavera;

e que perdeu seus olhos pelos  
mares sem deuses desta vida,  
sabendo que, de assim perdê-los,

ficaria também perdida;  
e que em algas e espumas presa  
deixou sua alma agradecida;

essa que sofreu de beleza  
e nunca desejou mais nada;  
que nunca teve uma surpresa

em sua face iluminada,  
dize: “Eu não pude conhecê-la,  
sua história está mal contada,

mas seu nome, de barca e estrela,  
foi: SERENA DESESPERADA”.

## CANÇÃO EXCÊNTRICA

Ando à procura de espaço  
para o desenho da vida.  
Em números me embaraço  
e perco sempre a medida.  
Se penso encontrar saída,  
em vez de abrir um compasso,  
projeto-me num abraço  
e gero uma despedida.

Se volto sobre o meu passo,  
é já distância perdida.

Meu coração, coisa de aço,  
começa a achar um cansaço  
esta procura de espaço  
para o desenho da vida.  
Já por exausta e descrida  
não me animo a um breve traço:  
– saudosa do que não faço,  
– do que faço, arrependida.

## CANÇÃO QUASE INQUIETA

De um lado, a eterna estrela,  
e do outro a vaga incerta,

meu pé dançando pela  
extremidade da espuma,  
e meu cabelo por uma  
planície de luz deserta.

Sempre assim:  
de um lado, estandartes do vento...  
– do outro, sepulcros fechados.  
E eu me partindo, dentro de mim,  
para estar no mesmo momento  
de ambos os lados.

Se existe a tua Figura,  
se és o Sentido do Mundo,  
deixo-me, fujo por ti,  
nunca mais quero ser minha!

(Mas, neste espelho, no fundo  
desta fria luz marinha,  
como dois baços peixes,  
nadam meus olhos à minha procura...  
Ando contigo – e sozinha.

Vivo longe – e acham-me aqui...)

Fazedor da minha vida,  
não me deixes!

Entende a minha canção!  
Tem pena do meu murmúrio,  
reúne-me em tua mão!

Que eu sou gota de mercúrio,  
dividida,  
desmanchada pelo chão...

## A DOCE CANÇÃO

*A Christina Christie*

Pus-me a cantar minha pena  
com uma palavra tão doce,  
de maneira tão serena,  
que até Deus pensou que fosse  
felicidade – e não pena.

Anjos de lira dourada  
debruçaram-se da altura.  
Não houve, no chão, criatura  
de que eu não fosse invejada,  
pela minha voz tão pura.

Acordei a quem dormia,  
fiz suspirarem defuntos.  
Um arco-íris de alegria  
da minha boca se erguia  
pondo o sonho e a vida juntos.

O mistério do meu canto,  
Deus não soube, tu não viste.  
Prodígio imenso do pranto:  
– todos perdidos de encanto,

só eu morrendo de triste!

Por assim tão docemente  
meu mal transformar em verso,  
oxalá Deus não o aumente,  
para trazer o Universo  
de polo a polo contente!

## CANÇÃO DE ALTA NOITE

Alta noite, lua quieta,  
muros frios, praia rasa.

Andar, andar, que um poeta  
não necessita de casa.

Acaba-se a última porta.  
O resto é o chão do abandono.

Um poeta, na noite morta,  
não necessita de sono.

Andar... Perder o seu passo  
na noite, também perdida.

Um poeta, à mercê do espaço,  
nem necessita de vida.

Andar... – enquanto consente  
Deus que seja a noite andada.

Porque o poeta, indiferente,  
anda por andar – somente.  
Não necessita de nada.

# MEMÓRIA

*A José Osório*

Minha família anda longe,  
com trajos de circunstância:  
uns converteram-se em flores,  
outros em pedra, água, líquen;  
alguns, de tanta distância,  
nem têm vestígios que indiquem  
uma certa orientação.

Minha família anda longe,  
– na Terra, na Lua, em Marte –  
uns dançando pelos ares,  
outros perdidos no chão.

Tão longe, a minha família!  
Tão dividida em pedaços!  
Um pedaço em cada parte...  
Pelas esquinas do tempo,  
brincam meus irmãos antigos:  
uns anjos, outros palhaços...  
Seus vultos de labareda  
rompem-se como retratos  
feitos em papel de seda.



Vejo lábios, vejo braços,  
– por um momento persigo-os;  
de repente, os mais exatos  
perdem sua exatidão.  
Se falo, nada responde.  
Depois, tudo vira vento,  
e nem o meu pensamento  
pode compreender por onde  
passaram nem onde estão.

Minha família anda longe.  
Mas eu sei reconhecê-la:  
um cílio dentro do oceano,  
um pulso sobre uma estrela,  
uma ruga num caminho  
caída como pulseira,  
um joelho em cima da espuma,  
um movimento sozinho  
aparecido na poeira...  
Mas tudo vai sem nenhuma  
noção de destino humano,  
de humana recordação.

Minha família anda longe.  
Reflete-se em minha vida,  
mas não acontece nada:  
por mais que eu esteja lembrada,  
ela se faz de esquecida:  
não há comunicação!  
Uns são nuvem, outros, lesma...

Vejo as asas, sinto os passos  
de meus anjos e palhaços,  
numa ambígua trajetória  
de que sou o espelho e a história.  
Murmuro para mim mesma:  
“É tudo imaginação!”

Mas sei que tudo é memória...

## IDA E VOLTA EM PORTUGAL

Olival de prata,  
veludosos pinhos,  
clara madrugada,  
dourados caminhos,  
lembrai-vos da graça  
com que os meus vizinhos,  
numa cavalgada,  
com frutas e vinhos,  
lenços de escarlata,  
cestas e burrinhos,  
foram pela estrada,  
assustando os moinhos  
com suas risadas,  
pondo em fuga cabras,  
ventos, passarinhos...

Ai, como cantavam!

Ai, como se riam!

Seus corpos – roseiras.

Seus olhos – diamantes.

Ora vamos ao campo colher amoras  
e amores!

A amar, amadores amantes!

Olival de prata,  
veludosos pinhos,  
pura Vésper clara,  
silentes caminhos,  
lembrai-vos da pausa  
com que os meus vizinhos  
vieram pela estrada.  
Morria nos moinhos  
o giro das asas.  
Ventos, passarinhos,  
árvores e cabras,  
tudo estacionava.  
As flores faltavam.  
Sobravam espinhos.

Ai, como choravam!  
Ai, como gemiam!

Seus corpos – granito.  
Seus olhos – cisternas.

Este é o campo sem fim de onde não retornam  
ternuras!  
Entornai-vos, ondas eternas!

## CAMPOS VERDES

Sobre o campo verde,  
ondas de prata.

Andava-se, andava-se...  
Sobre o verde campo,  
sempre outras águas.

Sobre o campo verde,  
paciente barco.

Errava-se, errava-se...  
Sobre o verde campo,  
sempre outro espaço.

Sobre o campo verde,  
todas as cartas.

Armava-se, armava-se...  
Sobre o verde campo,  
sempre o ás de espadas.

Sobre o campo verde,  
qualquer palavra.

Olhava-se, olhava-se...

Ai! sobre o verde campo,  
mais nada.

## ENCOMENDA

Desejo uma fotografia  
como esta – o senhor vê? – como esta:  
em que para sempre me ria  
com um vestido de eterna festa.

Como tenho a testa sombria,  
derrame luz na minha testa.  
Deixe esta ruga, que me empresta  
um certo ar de sabedoria.

Não meta fundos de floresta  
nem de arbitrária fantasia...  
Não... Neste espaço que ainda resta,  
ponha uma cadeira vazia.

## EXPLICAÇÃO

*A Alberto de Serpa*

O pensamento é triste; o amor, insuficiente;  
e eu quero sempre mais do que vem nos milagres.  
Deixo que a terra me sustente:  
guardo o resto para mais tarde.

Deus não fala comigo – e eu sei que me conhece.  
A antigos ventos dei as lágrimas que tinha.  
A estrela sobe, a estrela desce...  
– espero a minha própria vinda.

(Navego pela memória  
sem margens.

Alguém conta a minha história  
e alguém mata os personagens.)



## REINVENÇÃO

A vida só é possível  
reinventada.

Anda o sol pelas campinas  
e passeia a mão dourada  
pelas águas, pelas folhas...  
Ah! tudo bolhas  
que vêm de fundas piscinas  
de ilusionismo... – mais nada.

Mas a vida, a vida, a vida,  
a vida só é possível  
reinventada.

Vem a lua, vem, retira  
as algemas dos meus braços.  
Projeto-me por espaços  
cheios da tua Figura.  
Tudo mentira! Mentira  
da lua, na noite escura.

Não te encontro, não te alcanço...  
Só – no tempo equilibrada,  
desprendo-me do balanço  
que além do tempo me leva.

Só – na treva,  
fico: recebida e dada.

Porque a vida, a vida, a vida,  
a vida só é possível  
reinventada.

## ECO

Alta noite, o pobre animal aparece no morro, em silêncio.  
O capim se inclina entre os errantes vaga-lumes;  
pequenas asas de perfume saem de coisas invisíveis:  
no chão, branco de lua, ele prega e desprega as patas, com sombra.

Prega, desprega e para.  
Deve ser água, o que brilha como estrela, na terra plácida.  
Serão joias perdidas, que a lua apanha em sua mão?  
Ah!... não é isso...

E alta noite, pelo morro em silêncio, desce o pobre animal sozinho.

Em cima, vai ficando o céu. Tão grande. Claro. Liso.  
Ao longe, desponta o mar, depois das areias espessas.  
As casas fechadas esfriam, esfriam as folhas das árvores.  
As pedras estão como muitos mortos: ao lado um do outro, mas  
estranhos.  
E ele para, e vira a cabeça. E mira com seus olhos de homem.  
Não é nada disso, porém...

Alta noite, diante do oceano, senta-se o animal, em silêncio.  
Balançam-se as ondas negras. As cores do farol se alternam.  
Não existe horizonte. A água se acaba em tênue espuma.

Não é isso! Não é isso!

Não é a água perdida, a lua andante, a areia exposta...  
E o animal se levanta e ergue a cabeça, e late... late...

E o eco responde.

Sua orelha estremece. Seu coração se derrama na noite.  
Ah! para aquele lado apressa o passo, em busca do eco.

## DESPEDIDA

Por mim, e por vós, e por mais aquilo  
que está onde as outras coisas nunca estão,  
deixo o mar bravo e o céu tranquilo:  
quero solidão.

Meu caminho é sem marcos nem paisagens.  
E como o conheces? – me perguntarão.  
– Por não ter palavras, por não ter imagens.  
Nenhum inimigo e nenhum irmão.

Que procuras? – Tudo. Que desejas? – Nada.  
Viajo sozinha com o meu coração.  
Não ando perdida, mas desenhada.  
Levo o meu rumo na minha mão.

A memória voou da minha frente.  
Voou meu amor, minha imaginação...  
Talvez eu morra antes do horizonte.  
Memória, amor e o resto onde estarão?

Deixo aqui meu corpo, entre o sol e a terra.  
(Beijo-te, corpo meu, todo desilusão!  
Estandarte triste de uma estranha guerra...)

Quero solidão.

**MAR ABSOLUTO**

## MAR ABSOLUTO

Foi desde sempre o mar.  
E multidões passadas me empurravam  
como a barco esquecido.

Agora recordo que falavam  
da revolta dos ventos,  
de linhos, de cordas, de ferros,  
de sereias dadas à costa.

E o rosto de meus avós estava caído  
pelos mares do Oriente, com seus corais e pérolas,  
e pelos mares do Norte, duros de gelo.

Então, é comigo que falam,  
sou eu que devo ir.  
Porque não há mais ninguém,  
não, não haverá mais ninguém,  
tão decidido a amar e a obedecer a seus mortos.

E tenho de procurar meus tios remotos afogados.  
Tenho de levar-lhes redes de rezas,  
campos convertidos em velas,  
barcas sobrenaturais  
com peixes mensageiros  
e santos náuticos.

E fico tonta,  
acordada de repente nas praias tumultuosas.  
E apressam-me, e não me deixam sequer mirar a rosa dos ventos.  
“Para adiante! Pelo mar largo!  
Livrando o corpo da lição frágil da areia!  
Ao mar! – Disciplina humana para a empresa da vida!”

Meu sangue entende-se com essas vozes poderosas.  
A solidez da terra, monótona,  
parece-nos fraca ilusão.  
Queremos a ilusão grande do mar,  
multiplicada em suas malhas de perigo.

Queremos a sua solidão robusta,  
uma solidão para todos os lados,  
uma ausência humana que se opõe ao mesquinho formigar do mundo,  
e faz o tempo inteiriço, livre das lutas de cada dia.

O alento heroico do mar tem seu polo secreto,  
que os homens sentem, seduzidos e medrosos.

O mar é só mar, desprovido de apegos,  
matando-se e recuperando-se,  
correndo como um touro azul por sua própria sombra,  
e arremetendo com bravura contra ninguém,  
e sendo depois a pura sombra de si mesmo,  
por si mesmo vencido. É o seu grande exercício.

Não precisa do destino fixo da terra,  
ele que, ao mesmo tempo,



é o dançarino e a sua dança.

Tem um reino de metamorfose, para experiência:  
seu corpo é o seu próprio jogo,  
e sua eternidade lúdica  
não apenas gratuita: mas perfeita.

Baralha seus altos contrastes:  
cavalo épico, anêmona suave,  
entrega-se todo, despreza tudo,  
sustenta no seu prodigioso ritmo  
jardins, estrelas, caudas, antenas, olhos,  
mas é desfolhado, cego, nu, dono apenas de si,  
da sua terminante grandeza despojada.

Não se esquece que é água, ao desdobrar suas visões:  
água de todas as possibilidades,  
mas sem fraqueza nenhuma.

E assim como água fala-me.  
Atira-me búzios, como lembrança de sua voz,  
e estrelas eriçadas, como convite ao meu destino.

Não me chama para que siga por cima dele,  
nem por dentro de si:  
mas para que me converta nele mesmo. É o seu máximo dom.

Não me quer arrastar como meus tios outrora,  
nem lentamente conduzida,  
como meus avós, de serenos olhos certos.

Aceita-me apenas convertida em sua natureza:  
plástica, fluida, disponível,  
igual a ele, em constante solilóquio,  
sem exigências de princípio e fim,  
desprendida de terra e céu.

E eu, que viera cautelosa,  
por procurar gente passada,  
suspeito que me enganei,  
que há outras ordens, que não foram bem ouvidas;  
que uma outra boca falava: não somente a de antigos mortos,  
e o mar a que me mandam não é apenas este mar.

Não é apenas este mar que reboia nas minhas vidraças,  
mas outro, que se parece com ele  
como se parecem os vultos dos sonhos dormidos.  
E entre água e estrela estudo a solidão.

E recordo minha herança de cordas e âncoras,  
e encontro tudo sobre-humano.  
E este mar visível levanta para mim  
uma face espantosa.

E retrai-se, ao dizer-me o que preciso.  
E é logo uma pequena concha fervilhante,  
nódoa líquida e instável,  
célula azul sumindo-se  
no reino de um outro mar:  
ah! do Mar Absoluto.

## MADRUGADA NO CAMPO

Com que doçura esta brisa penteia  
a verde seda fina do arrozal –  
Nem cílios, nem pluma, nem lume de lânguida  
lua, nem o suspiro do cristal.

Com que doçura a transparente aurora  
tece na fina seda do arrozal  
aéreos desenhos de orvalho! Nem lágrima,  
nem pérola, nem íris de cristal...

Com que doçura as borboletas brancas  
prendem os fios verdes do arrozal  
com seus leves laços! Nem dedos, nem pétalas,  
nem frio aroma de anis em cristal.

Com que doçura o pássaro imprevisto  
de longe tomba no verde arrozal!  
– Caído céu, flor azul, estrela última:  
súbito sussurro e eco de cristal.

## SUGESTÃO

Sede assim – qualquer coisa  
serena, isenta, fiel.

Flor que se cumpre,  
sem pergunta.

Onda que se esforça,  
por exercício desinteressado.

Lua que envolve igualmente  
os noivos abraçados  
e os soldados já frios.

Também como este ar da noite:  
sussurrante de silêncios,  
cheio de nascimentos e pétalas.

Igual à pedra detida,  
sustentando seu demorado destino.  
E à nuvem, leve e bela,  
vivendo de nunca chegar a ser.

À cigarra, queimando-se em música,  
ao camelo que mastiga sua longa solidão,  
ao pássaro que procura o fim do mundo,

ao boi que vai com inocência para a morte.

Sede assim qualquer coisa  
serena, isenta, fiel.

Não como o resto dos homens.

## MUSEU

Espadas frias, nítidas espadas,  
duras viseiras já sem perspectiva,  
cetro sem mãos, coroa já não viva  
de cabeças em sangue naufragadas;  
anéis de demorada narrativa,  
leques sem falas, trompas sem caçadas,  
pêndulos de horas não mais escutadas,  
espelhos de memória fugitiva;  
ouro e prata, turquesas e granadas,  
    que é da presença passageira e esquiva  
    das heranças dos poetas, malogradas:  
    a estrela, o passarinho, a sensitiva,  
    a água que nunca volta, as bem-amadas,  
    a saudade de Deus, vaga e inativa...?

## DESEJO DE REGRESSO

Deixai-me nascer de novo,  
nunca mais em terra estranha,  
mas no meio do meu povo,  
com meu céu, minha montanha,  
meu mar e minha família.

E que na minha memória  
fique esta vida bem viva,  
para contar minha história  
de mendiga e de cativa  
e meus suspiros de exílio.

Porque há doçura e beleza  
na amargura atravessada,  
e eu quero a memória acesa  
depois da angústia apagada.  
Com que afeição me remiro!

Marinheiro de regresso  
com seu barco posto a fundo,  
às vezes quase me esqueço  
que foi verdade este mundo.  
(Ou talvez fosse mentira...)

## POR BAIXO DOS LARGOS FÍCUS...

Por baixo dos largos fícus  
plantados à beira-mar,  
em redor dos bancos frios  
onde se deita o luar,  
vão passando os varredores,  
calados, a vassourar.

Diríeis que andam sonhando,  
se assim os vísseis passar,  
por seu calmo rosto branco,  
sua boca sem falar,  
– e por varrerem as flores  
murchas, de verem amar.

E por varrerem os nomes  
desenhados par a par,  
no vão desejo dos homens,  
na areia vã, de pisar...  
– por varrerem os amores  
que houve naquele lugar.

Visto de baixo, o arvoredado  
é renda verde de luar,  
desmanchada ao vento crespo  
que à noite regressa ao mar.



Vão passando os varredores;  
vão passando e vão varrendo  
a terra, a lembrança, o tempo.

E, de momento em momento,  
varrem seu próprio passar...

## 2º MOTIVO DA ROSA

*A Mário de Andrade*

Por mais que te celebre, não me escutas,  
embora em forma e nácar te assemelhes  
à concha soante, à musical orelha  
que grava o mar nas íntimas volutas.

Deponho-te em cristal, defronte a espelhos,  
sem eco de cisternas ou de grutas...  
Ausências e cegueiras absolutas  
ofereces às vespas e às abelhas,

e a quem te adora, ó surda e silenciosa,  
e cega e bela e interminável rosa,  
que em tempo e aroma e verso te transmutas!

Sem terra nem estrelas brilhas, presa  
a meu sonho, insensível à beleza  
que és e não sabes, porque não me escutas...

## O TEMPO NO JARDIM

Nestes jardins – há vinte anos – andaram os nossos muitos passos,  
e aqueles que então éramos se contemplaram nestes lagos.

Se algum de nós avistasse o que seríamos com o tempo,  
todos nós choraríamos, de mútua pena e susto imenso.

E assim nos separamos, suspirando dias futuros,  
e nenhum se atrevia a desvelar seus próprios mundos.

E agora que separados vivemos o que foi vivido,  
com doce amor choramos quem fomos nesse tempo antigo.

## BEIRA-MAR

Sou moradora das areias,  
de altas espumas: os navios  
passam pelas minhas janelas  
como o sangue nas minhas veias,  
como os peixinhos nos rios...

Não têm velas e têm velas;  
e o mar tem e não tem sereias;  
e eu navego e estou parada,  
vejo mundos e estou cega,  
porque isto é mal de família,  
ser de areia, de água, de ilha...  
E até sem barco navega  
quem para o mar foi fadada.

Deus te proteja, Cecília,  
que tudo é mar – e mais nada.

## LEVEZA

Leve é o pássaro:  
e a sua sombra voante,  
mais leve.

E a cascata aérea  
de sua garganta,  
mais leve.

E o que lembra, ouvindo-se  
deslizar seu canto,  
mais leve.

E o desejo rápido  
desse antigo instante,  
mais leve.

E a fuga invisível  
do amargo passante,  
mais leve.

## DESENHO

Fui morena e magrinha como qualquer polinésia,  
e comia mamão, e mirava a flor da goiaba.  
E as lagartixas me espiavam, entre os tijolos e as trepadeiras,  
e as teias de aranha nas minhas árvores se entrelaçavam.

Isso era num lugar de sol e nuvens brancas,  
onde as rolas, à tarde, soluçavam mui saudosas...  
O eco, burlão, de pedra em pedra ia saltando,  
entre vastas mangueiras que choviam ruivas horas.

Os pavões caminhavam tão naturais por meu caminho,  
e os pombos tão felizes se alimentavam pelas escadas  
que era desnecessário crescer, pensar, escrever poemas,  
pois a vida completa e bela e terna ali já estava.

Como a chuva caía das grossas nuvens, perfumosa!  
E o papagaio como ficava sonolento!  
O relógio era festa de ouro; e os gatos enigmáticos  
fechavam os olhos, quando queriam caçar o tempo.

Vinham morcegos, à noite, picar os sapotis maduros,  
e os grandes cães ladravam como nas noites do Império.  
Mariposas, jasmims, tinhorões, vaga-lumes  
moravam nos jardins sussurrantes e eternos.

E minha avó cantava e cosia. Cantava  
canções de mar e de arvoredo, em língua antiga.  
E eu sempre acreditei que havia música em seus dedos  
e palavras de amor em minha roupa escritas.

Minha vida começa num vergel colorido,  
por onde as noites eram só de luar e estrelas.  
Levai-me aonde quiserdes! – aprendi com as primaveras  
a deixar-me cortar e a voltar sempre inteira.

## PEDIDO

Armem a rede entre as estrelas,  
para um descanso secular!  
Os conhecidos – esquecê-los.  
E os outros, nem imaginar.  
Armem a rede!

Chamem o vento, um grande vento  
aéreo leão, para amarrar  
sua juba de esquecimento  
a esta rede, entre Deus e o mar.  
Chamem o vento!

Não falem nunca mais daquela  
que oscila, invisível, pelo ar.  
Não digam se foi triste ou bela  
sua vocação de cantar!  
Não falem nela.



## MULHER AO ESPELHO

Hoje, que seja esta ou aquela,  
pouco me importa.  
Quero apenas parecer bela,  
pois, seja qual for, estou morta.

Já fui loura, já fui morena,  
já fui Margarida e Beatriz.  
Já fui Maria e Madalena.  
Só não pude ser como quis.

Que mal faz, esta cor fingida  
do meu cabelo, e do meu rosto,  
se tudo é tinta: o mundo, a vida,  
o contentamento, o desgosto?

Por fora, serei como queira  
a moda, que me vai matando.  
Que me levem pele e caveira  
ao nada, não me importa quando.

Mas quem viu, tão dilacerados,  
olhos, braços e sonhos seus,  
e morreu pelos seus pecados,  
falará com Deus.

Falará, coberta de luzes,  
do alto penteado ao rubro artelho.  
Porque uns expiram sobre cruzes,  
outros, buscando-se no espelho.

## 5º MOTIVO DA ROSA

Antes do teu olhar, não era,  
nem será depois, – primavera.  
Pois vivemos do que perdura,

não do que fomos. Desse acaso  
do que foi visto e amado: – o prazo  
do Criador na criatura...

Não sou eu, mas sim o perfume  
que em ti me conserva e resume  
o resto, que as horas consomem.

Mas não chores, que no meu dia,  
há mais sonho e sabedoria  
que nos vagos séculos do homem.

## OS DIAS FELIZES

Os dias felizes estão entre as árvores, como os pássaros:  
viajam nas nuvens,  
correm nas águas,  
desmancham-se na areia.

Todas as palavras são inúteis,  
desde que se olha para o céu.

A doçura maior da vida  
flui na luz do sol,  
quando se está em silêncio.

Até os urubus são belos,  
no largo círculo dos dias sossegados.

Apenas entristece um pouco  
este ovo azul que as crianças apedrejaram:

formigas ávidas devoram  
a albumina do pássaro frustrado.

Caminhávamos devagar,  
ao longo desses dias felizes,  
pensando que a Inteligência  
era uma sombra da Beleza.

# ELEGIA

## 1933-1937

*À memória de Jacintha Garcia Benevides, minha avó*

*... le sang de nos ancêtres qui forme avec le nôtre cette chose sans  
équivalence qui d'ailleurs ne se répétera pas...*

*R. M. Rilke, Lettres à um jeune poète.*

### 1

Minha primeira lágrima caiu dentro dos teus olhos.  
Tive medo de a enxugar: para não saberes que havia caído.

No dia seguinte, estavas imóvel, na tua forma definitiva,  
modelada pela noite, pelas estrelas, pelas minhas mãos.

Exalava-se de ti o mesmo frio do orvalho; a mesma claridade da lua.

Vi aquele dia levantar-se inutilmente para as tuas pálpebras,  
e a voz dos pássaros e a das águas correr,  
– sem que a recolhessem teus ouvidos inertes.

Onde ficou teu outro corpo? Na parede? Nos móveis? No teto?

Inclinei-me sobre o teu rosto, absoluta, como um espelho.  
E tristemente te procurava.

Mas também isso foi inútil, como tudo mais.

## 2

Neste mês, as cigarras cantam  
e os trovões caminham por cima da terra,  
agarrados ao sol.

Neste mês, ao cair da tarde, a chuva corre pelas montanhas,  
e depois a noite é mais clara,  
e o canto dos grilos faz palpitar o cheiro molhado do chão.

Mas tudo é inútil,  
porque os teus ouvidos estão secos como conchas vazias,  
e a tua narina imóvel  
não recebe mais notícia  
do mundo que circula no vento.

Neste mês, sobre as frutas maduras cai o beijo áspero das vespas...  
– e o arrulho dos pássaros encrespa a sombra,  
como água que borbulha.

Neste mês, abrem-se cravos de perfume profundo e obscuro;  
a areia queima, branca e seca,  
junto ao mar lampejante:  
de cada frente desce uma lágrima de calor.

Mas tudo é inútil,  
porque estás encostada à terra fresca,  
e os teus olhos não buscam mais lugares

nesta paisagem luminosa,  
e as tuas mãos não se arredondam já  
para a colheita nem para a carícia.

Neste mês, começa o ano, de novo,  
e eu queria abraçar-te.  
Mas tudo é inútil:  
eu e tu sabemos que é inútil que o ano comece.



### 3

Minha tristeza é não poder mostrar-te as nuvens brancas,  
e as flores novas, como aroma em brasa,  
com suas coroas crepitantes de abelhas.

Teus olhos sorririam,  
agradecendo a Deus o céu e a terra:  
eu sentiria teu coração feliz  
como um campo onde choveu.

Minha tristeza é não poder acompanhar contigo  
o desenho das pombas voantes,  
o destino dos trens pelas montanhas,  
e o brilho tênue de cada estrela  
brotando à margem do crepúsculo.

Tomarias o luar nas tuas mãos,  
fortes e simples como as pedras,  
e dirias apenas: “Como vem tão clarinho!”

E nesse luar das tuas mãos se banharia a minha vida,  
sem perturbar sua claridade,  
mas também sem diminuir minha tristeza.

## 4

Escuto a chuva batendo nas folhas, pingo a pingo.  
Mas há um caminho de sol entre as nuvens escuras.  
E as cigarras sobre as resinas continuam cantando.

Tu percorrerias o céu com teus olhos nevoentos,  
e calcularias o sol de amanhã,  
e a sorte oculta de cada planta.

E amanhã descerias toda coberta de branco,  
brilharias à luz como o sal e a cânfora,  
mirarias os cravos, contentes com a chuva noturna,  
tomarias na mão os frutos do limoeiro, tão verdes,  
e entre o veludo da vinha, verias armar-se o cristal dos bagos.

E olharias o sol subindo ao céu com asas de fogo.  
Tuas mãos e a terra secariam bruscamente.  
Em teu rosto, como no chão,  
haveria flores vermelhas abertas.

Dentro do teu coração, porém, estavam as fontes frescas,  
sussurrando.  
E os canteiros viam-te passar  
como a nuvem mais branca do dia.

## 5

Um jardineiro desconhecido se ocupará da simetria  
desse pequeno mundo em que estás.

Suas mãos vivas caminharão acima das tuas, em descanso,  
das tuas que calculavam primaveras e outonos,  
fechadas em sementes e escondidos na flor!

Tua voz sem corpo estará comandando,  
entre terra e água,  
o aconchego das raízes tenras,  
a ordenação das pétalas nascentes.

À margem desta pedra que te cerca,  
o rosto das flores inclinará sua narrativa:  
história dos grandes luars,  
crescimento e morte dos campos,  
giros e músicas de pássaros,  
arabescos de libélulas roxas e verdes.  
Conversareis longamente,  
em vossa linguagem inviolável.

Os anjos de mármore ficarão para sempre ouvindo:  
que eles também falam em silêncio.

Mas a mim – se te chamar, se chorar – não me ouvirás,

por mais perto que venha, não sou mais que uma sombra  
caminhando em redor de uma fortaleza.

Queria deixar-te aqui as imagens do mundo que amaste:  
o mar com seus peixes e suas barcas;  
os pomares com cestos derramados de frutos;  
os jardins de malva e trevo, com seus perfumes brancos e vermelhos.

E aquela estrela maior, que a noite levava na mão direita.  
E o sorriso de uma alegria que eu não tive,  
mas te dava.

## 6

Tudo cabe aqui dentro:  
vejo tua casa, tuas quintas de fruta,  
as mulas deixando descarregarem seirões repletos,  
e os cães de nomes antigos  
ladrando majestosamente  
para a noite aproximada.

Range a atafona sobre uma cantiga arcaica:  
e os fusos ainda vão enrolando o fio  
para a camisa, para a toalha, para o lençol.

Nesse fio vai o campo onde o vento saltou.  
Vai o campo onde a noite deixou seu sono orvalhado.  
Vai o sol com suas vestimentas de ouro  
cavalgando esse imenso gavião do céu.

Tudo cabe aqui dentro:  
teu corpo era um espelho pensante do universo.  
E olhavas para essa imagem, clarividente e comovida.

Foi do barro das flores, o teu rosto terreno,  
e uns líquens de noite sem luzes  
se enrolaram em tua cabeça de deusa rústica.

Mas puseram-te numa praia de onde os barcos saíam

para perderem-se.  
Então, teus braços se abriram,  
querendo levar-te mais longe:  
porque eras a que salvava.  
E ficaste com um pouco de asas.

Teus olhos, porém, mediram a flutuação do caminho.  
Por isso, tua testa se vincou de alto a baixo,  
e tuas pálpebras meigas  
se cobriram de cinza.

## 7

O crepúsculo é este sossego do céu  
com suas nuvens paralelas  
e uma última cor penetrando nas árvores  
até os pássaros.

É esta curva dos pombos, rente aos telhados,  
este cantar de galos e rolas, muito longe;  
e, mais longe, o abrolhar de estrelas brancas,  
ainda sem luz.

Mas não era só isto, o crepúsculo:  
faltam os teus dois braços numa janela, sobre flores,  
e em tuas mãos o teu rosto,  
aprendendo com as nuvens a sorte das transformações.

Faltam teus olhos com ilhas, mares, viagens, povos,  
tua boca, onde a passagem da vida  
tinha deixado uma doçura triste,  
que dispensava palavras.

Ah, falta o silêncio que estava entre nós,  
e olhava a tarde, também.

Nele vivia o teu amor por mim,  
obrigatório e secreto.

Igual à face da Natureza:  
evidente, e sem definição.

Tudo em ti era uma ausência que se demorava:  
uma despedida pronta a cumprir-se.

Sentindo-o, cobria minhas lágrimas com um riso doido.  
Agora, tenho medo que não visses  
o que havia por detrás dele.

Aqui está meu rosto verdadeiro,  
defronte do crepúsculo que não alcançaste.  
Abre o túmulo, e olha-me:  
dize-me qual de nós morreu mais.



## 8

Hoje! Hoje de sol e bruma,  
com este silencioso calor sobre as pedras e as folhas!

Hoje! Sem cigarras nem pássaros.  
Gravemente. Altamente.  
Com flores abafadas pelo caminho,  
entre essas máscaras de bronze e mármore  
no eterno rosto da terra.

Hoje.

Quanto tempo passou entre a nossa mútua espera!  
Tu, paciente e inutilizada,  
contando as horas que te desfaziam.  
Meus olhos repetindo essas tuas horas heroicas,  
no brotar e morrer desta última primavera  
que te enfeitou.

Oh, a montanha de terra que agora vão tirando do teu peito!

Alegra-te, que aqui estou,  
fiel, neste encontro,  
como se do modo antigo vivesses  
ou pudesses, com a minha chegada, reviver.

Alegra-te, que já se desprendem as tábuas que te fecharam,  
como se desprende o corpo  
em que aprendeste longamente a sofrer.

E, como o áspero ruído da pá cessou neste instante,  
ouve o amplo e difuso rumor da cidade em que continuo,  
– tu, que resides no tempo, no tempo unânime!

Ouve-o e relembra  
não as estampas humanas: mas as cores do céu e da terra,  
o calor do sol,  
a aceitação das nuvens,  
o grato deslizar das águas dóceis.  
Tudo o que amamos juntas.  
Tudo em que me dispersarei como te dispersaste.  
É mais esse perfume de eternidade,  
intocável e secreto,  
que o giro do universo não perturba.

Apenas, não podemos correr, agora,  
uma para a outra.

Não sofras, por não te poderes levantar  
do abismo em que te reclinas:  
não sofras, também,  
se um pouco de choro se debruça nos meus olhos,  
procurando-te.

Não te importes que escute cair,  
no zinco desta humilde caixa,

teu crânio, tuas vértebras,  
teus ossos todos, um por um...

Pés que caminhavam comigo,  
mãos que me iam levando,  
peito do antigo sono,  
cabeça do olhar e do sorriso...

Não te importes. Não te importes...

Na verdade, tu vens como eu te queria inventar:  
e de braço dado desceremos por entre pedras e flores.  
Posso levar-te ao colo, também,  
pois na verdade estás mais leve que uma criança.

– Tanta terra deixaste porém sobre o meu peito!  
irás dizendo, sem queixa,  
apenas como recordação.

E eu, como recordação, te direi:  
– Pesaria tanto quanto o coração que tiveste,  
o coração que herdei?

Ah, mas que palavras podem os vivos dizer aos mortos?

\*\*\*

E hoje era o teu dia de festa!  
Meu presente é buscar-te.  
Não para vires comigo:

para te encontrares com os que, antes de mim,  
vieste buscar, outrora.  
Com menos palavras, apenas.  
Com o mesmo número de lágrimas.  
Foi lição tua chorar pouco,  
para sofrer mais.

Aprendi-a demasiadamente.

Aqui estamos, hoje.  
Com este dia grave, de sol velado.  
De calor silencioso.  
Todas as estátuas ardendo.  
As folhas, sem um tremor.

Não tens fala, nem movimento nem corpo.  
E eu te reconheço.

Ah, mas a mim, a mim,  
quem sabe se me poderás reconhecer!

# RETRATO NATURAL

## APRESENTAÇÃO

Aqui está minha vida – esta areia tão clara  
com desenhos de andar dedicados ao vento.

Aqui está minha voz – esta concha vazia,  
sombra de som curtindo o seu próprio lamento.

Aqui está minha dor – este coral quebrado,  
sobrevivendo ao seu patético momento.

Aqui está minha herança – este mar solitário,  
que de um lado era amor e, do outro, esquecimento.

## CANTARÃO OS GALOS

Cantarão os galos, quando morrermos,  
e uma brisa leve, de mãos delicadas,  
tocará nas franjas, nas sedas  
mortuárias.

E o sono da noite irá transpirando  
sobre as claras vidraças.

E os grilos, ao longe, serrarão silêncios,  
talos de cristal, frios, longos ermos,  
e o enorme aroma das árvores.

Ah, que doce lua verá nossa calma  
face ainda mais calma que o seu grande espelho  
de prata!

Que frescura espessa em nossos cabelos,  
livres como os campos pela madrugada!

Na névoa da aurora,  
a última estrela  
subirá pálida.

Que grande sossego, sem falas humanas,  
sem o lábio dos rostos de lobo,

sem ódio, sem amor, sem nada!

Como escuros profetas perdidos,  
conversarão apenas os cães, pelas várzeas.  
Fortes perguntas. Vastas pausas.

Nós estaremos na morte  
com aquele suave contorno  
de uma concha dentro d'água.



## ELEGIA A UMA PEQUENA BORBOLETA

Como chegavas do casulo,  
– inacabada seda viva! –  
tuas antenas – fios soltos  
da trama de que eras tecida,  
e teus olhos, dois grãos da noite  
de onde o teu mistério surgia,

como caíste sobre o mundo  
inábil, na manhã tão clara,  
sem mãe, sem guia, sem conselho,  
e rolavas por uma escada  
como papel, penugem, poeira,  
com mais sonho e silêncio que asas,

minha mão tosca te agarrou  
com uma dura, inocente culpa,  
e é cinza de lua teu corpo,  
meus dedos, sua sepultura.  
Já desfeita e ainda palpitante,  
expiras sem noção nenhuma.

Ó bordado do véu do dia,  
transparente anêmona aérea!  
não leves meu rosto contigo:  
leva o pranto que te celebra,

no olho precário em que te acabas,  
meu remorso ajoelhado leva!

Choro a tua forma violada,  
miraculosa, alva, divina,  
criatura de pólen, de aragem,  
diáfana pétala da vida!  
Choro ter pesado em teu corpo  
que no estame não pesaria.

Choro esta humana insuficiência:  
– a confusão dos nossos olhos,  
– o selvagem peso do gesto,  
– cegueira – ignorância – remotos  
instintos súbitos – violências  
que o sonho e a graça prostram mortos.

Pudesse a etéreos paraísos  
ascender teu leve fantasma,  
e meu coração penitente  
ser a rosa desabrochada  
para servir-te mel e aroma,  
por toda a eternidade escrava!

E as lágrimas que por ti choro  
fossem o orvalho desses campos,  
– os espelhos que refletissem  
– voo e silêncio – os teus encantos,  
com a ternura humilde e o remorso  
dos meus desacertos humanos!

## VIGÍLIA

Como o companheiro é morto,  
todos juntos morreremos  
um pouco.

O valor de nossas lágrimas  
sobre quem perdeu a vida,  
não é nada.

Amá-lo, nesta tristeza,  
é suspiro numa selva  
imensa.

Por fidelidade reta  
ao companheiro perdido,  
que nos resta?

Deixar-nos morrer um pouco  
por aquele que hoje vemos  
todo morto.

## BALADA DAS DEZ BAILARINAS DO CASSINO

Dez bailarinas deslizam  
por um chão de espelho.  
Têm corpos egípcios com placas douradas,  
pálpebras azuis e dedos vermelhos.  
Levantam véus brancos, de ingênuos aromas,  
e dobram amarelos joelhos.

Andam as dez bailarinas  
sem voz, em redor das mesas.  
Há mãos sobre facas, dentes sobre flores  
e os charutos toldam as luzes acesas.  
Entre a música e a dança escorre  
uma sedosa escada de vileza.

As dez bailarinas avançam  
como gafanhotos perdidos.  
Avançam, recuam, na sala compacta,  
empurrando olhares e arranhando o ruído.  
Tão nuas se sentem que já vão cobertas  
de imaginários, chorosos vestidos.

As dez bailarinas escondem  
nos cílios verdes as pupilas.  
Em seus quadris fosforescentes,  
passa uma faixa de morte tranquila.

Como quem leva para a terra um filho morto,  
levam seu próprio corpo, que baila e cintila.

Os homens gordos olham com um tédio enorme  
as dez bailarinas tão frias.

Pobres serpentes sem luxúria,  
que são crianças, durante o dia.  
Dez anjos anêmicos, de axilas profundas,  
embalsamados de melancolia.

Vão perpassando como dez múmias,  
as bailarinas fatigadas.

Ramo de nardos inclinando flores  
azuis, brancas, verdes, douradas.  
Dez mães chorariam, se vissem  
as bailarinas de mãos dadas.

## PÁSSARO

Aquilo que ontem cantava  
já não canta.  
Morreu de uma flor na boca:  
não do espinho na garganta.

Ele amava a água sem sede,  
e, em verdade,  
tendo asas, fitava o tempo,  
livre de necessidade.

Não foi desejo ou imprudência:  
não foi nada.  
E o dia toca em silêncio  
a desventura causada.

Se acaso isso é desventura:  
ir-se a vida  
sobre uma rosa tão bela,  
por uma tênue ferida.

## CANÇÃO PÓSTUMA

Fiz uma canção para dar-te;  
porém tu já estavas morrendo.  
A Morte é um poderoso vento.  
E é um suspiro tão tímido, a Arte...

É um suspiro tímido e breve  
como o da respiração diária.  
Choro de pomba. E a Morte é uma águia  
cujo grito ninguém descreve.

Vim cantar-te a canção do mundo,  
mas estás de ouvidos fechados  
para os meus lábios inexatos,  
– atento a um canto mais profundo.

E estou como alguém que chegasse  
ao centro do mar, comparando  
aquele universo de pranto  
com a lágrima da sua face.

E agora fecho grandes portas  
sobre a canção que chegou tarde.  
E sofro sem saber de que Arte  
se ocupam as pessoas mortas.

Por isso é tão desesperada  
a pequena, humana cantiga.  
Talvez dure mais do que a vida.  
Mas à Morte não diz mais nada.



## CANÇÃO

Não te fies do tempo nem da eternidade,  
que as nuvens me puxam pelos vestidos,  
que os ventos me arrastam contra o meu desejo!  
Apressa-te, amor, que amanhã eu morro,  
que amanhã morro e não te vejo!

Não demores tão longe, em lugar tão secreto,  
nácar de silêncio que o mar comprime,  
ó lábio, limite do instante absoluto!  
Apressa-te, amor, que amanhã eu morro,  
que amanhã morro e não te escuto!

Aparece-me agora, que ainda reconheço  
a anêmona aberta na tua face  
e em redor dos muros o vento inimigo...  
Apressa-te, amor, que amanhã eu morro,  
que amanhã morro e não te digo...

## CANÇÃO DO AMOR-PERFEITO

O tempo seca a beleza,  
seca o amor, seca as palavras.  
Deixa tudo solto, leve,  
desunido para sempre  
como as areias nas águas.

O tempo seca a saudade,  
seca as lembranças e as lágrimas.  
Deixa algum retrato, apenas,  
vagando seco e vazio  
como estas conchas das praias.

O tempo seca o desejo  
e suas velhas batalhas.  
Seca o frágil arabesco,  
vestígio do musgo humano,  
na densa turfa mortuária.

Esperarei pelo tempo  
com suas conquistas áridas.  
Esperarei que te seque,  
não na terra, Amor-Perfeito,  
num tempo depois das almas.

## IMPROVISO PARA NORMAN FRASER

O músico a meu lado come  
o pequeno peixe prateado.

Percorre-lhe a pele brilhante,  
abre-a, leve, de lado a lado.

Úmido deus de água e alabastro,  
aparece o peixe despido.

E, como os deuses, pouco a pouco,  
vai sendo pelo homem destruído.

Ah, mas que delicado culto,  
que elegante, harmonioso trato

se pode dispensar a um peixe  
como um deus exposto num prato!

Vinde ver, tiranos do mundo,  
esta suprema gentileza

de comer! – que deixa perdoado  
o gume da faca na mesa!

Em sua pele cintilante,

nítido, fino, íntegro, certo,

jaz o peixe, – ramo de espinhos  
musicalmente descoberto.

Ó fim venturoso! Invejai-o,  
corais, anêmonas, medusas!

Vede como era, além da carne,  
frase secreta, em semifusas!

## O CAVALO MORTO

Vi a névoa da madrugada  
deslizar seus gestos de prata,  
mover densidades de opala  
naquele pórtico de sono.

Na fronteira havia um cavalo morto.

Grãos de cristal rolavam pelo  
seu flanco nítido; e algum vento  
torcia nas crinas pequeno,  
leve arabesco, triste adorno,

– e movia a cauda ao cavalo morto.

As estrelas ainda viviam  
e ainda não eram nascidas  
ai! as flores daquele dia...  
– mas era um canteiro o seu corpo:

um jardim de lírios, o cavalo morto.

Muitos viajantes contemplaram  
a fluida música, a orvalhada  
das grandes moscas de esmeralda  
chegando em rumoroso jorro.

Aderjava triste, o cavalo morto.

E viam-se uns cavalos vivos,  
altos como esbeltos navios,  
galopando nos ares finos,  
com felizes perfis de sonho.

Branco e verde via-se o cavalo morto,

no campo enorme e sem recurso,  
– e devagar girava o mundo  
entre as suas pestanas, turvo  
como em luas de espelho roxo.

Dava o sol nos dentes do cavalo morto.

Mas todos tinham muita pressa,  
e não sentiram como a terra  
procurava, de légua em légua,  
o ágil, o imenso, o etéreo sopro  
que faltava àquele arcabouço.

Tão pesado, o peito do cavalo morto!

# DOZE NOTURNOS DA HOLANDA

## TRÊS

A noite não é simplesmente um negrume sem margens nem direções.  
Ela tem sua claridade, seus caminhos, suas escadas, seus andaimes.  
A grande construção da noite sobe das submarinas planícies  
aos longos céus estrelados  
em trapézios, pontes, vertiginosos parapeitos,  
para obscuras contemplações e expectativas.

Então, a noite levava-me... – por altas casas, por súbitas ruas,  
e sob cortinas fechadas estavam cabeças adormecidas,  
e sob luzes pálidas havia mãos em morte,  
e havia corpos abraçados, e imensos desejos diversos,  
dúvidas, paixões, despedidas,  
– mas tudo desprendido e fluido,  
suspenso entre objetos e circunstâncias,  
com destrezas de arco-íris e aço.

E os jogadores de xadrez avançavam cavalos e torres,  
na extremidade da noite, entre cemitérios e campos...  
– mas tudo involuntário e tênue –  
enquanto as flores se modelavam e, na mesma obediência,  
os rebanhos formavam leite, lã,  
eternamente leite, lã, mugido imenso...  
Enquanto os caramujos rodavam no torno vagaroso das ondas  
e a folha amarela se desprendia, terminada: ar, suspiro, solidão.



A noite levava-me, às vezes, voando pelos muros do nevoeiro,  
outras vezes, boiando pelos frios canais, com seus calados barcos  
ou pisando a frágil turfa ou o lodo amargo.

E belas vozes ainda acordadas iam cantando casualmente.  
E jovens lábios arriscavam perguntas sobre dolorosos assuntos.  
Também os cães passavam com sua sombra, lúcidos e pensativos.  
E figuras sem realidade extraviadas de domicílios,  
atravessadas pela noite, pela hora, pela sorte,  
flutuavam com saudade, esperando impossíveis encontros,  
em que países, meu Deus, em que países além da terra,  
ou da imaginação?

A noite levava-me tão alto  
que os desenhos do mundo se inutilizavam.  
Regressavam as coisas à sua infância e ainda mais longe,  
devolvidas a uma pureza total, a uma excelsa clarividência.

E tudo queria ser novamente. Não o que era, nem o que fora,  
– o que devia ser, na ordem da vida imaculada.  
E tudo talvez não pensasse: porém docemente sofria.

Abraçava-me à noite e pedia-lhe outros sinais, outras certezas:  
a noite fala em mil linguagens, promiscuamente.

E passava-se pelo mar, em sua profunda sepultura.  
E um grande pasmo de lágrimas preparava palavras e sonhos,  
essas vastas nuvens que os homens buscam...

## OITO

Quem tem coragem de perguntar, na noite imensa?  
E que valem as árvores, as casas, a chuva, o pequeno transeunte?

Que vale o pensamento humano,  
esforçado e vencido,  
na turbulência das horas?

Que vale a conversa apenas murmurada,  
a erma ternura, os delicados adeuses?

Que valem as pálpebras da tímida esperança,  
orvalhadas de trêmulo sal?

O sangue e a lágrima são pequenos cristais sutis,  
no profundo diagrama.  
E o homem tão inutilmente pensante e pensado  
só tem a tristeza para distingui-lo.

Porque havia nas úmidas paragens  
animais adormecidos, com o mesmo mistério humano:  
grandes como pórticos, suaves como veludo,  
mas sem lembranças históricas,  
sem compromissos de viver.

Grandes animais sem passado, sem antecedentes,

puros e límpidos,  
apenas com o peso do trabalho em seus poderosos flancos  
e noções de água e de primavera nas tranquilas narinas  
e na seda longa das crinas desfraldadas.

Mas a noite desmanchava-se no oriente,  
cheia de flores amarelas e vermelhas.  
E os cavalos erguiam, entre mil sonhos vacilantes,  
erguiam no ar a vigorosa cabeça,  
e começavam a puxar as imensas rodas do dia.

Ah! o despertar dos animais no vasto campo!  
Este sair do sono, este continuar da vida!  
O caminho que vai das pastagens etéreas da noite,  
ao claro dia da humana vassalagem!

## DOZE

Sem podridão nenhuma, jazerá um afogado  
nos canais de Amsterdão.

Quem passar entre as casas triangulares,  
quem descer estas breves escadas,  
quem subir para as barcas oscilantes,  
repetirá perplexo:  
“Há um claro afogado nos canais de Amsterdão”.

É um pálido afogado, sem palavras nem datas,  
sem crime nem suicídio, um lírico afogado,  
com os olhos de cristal repletos de horizontes móveis,  
e os longínquos ouvidos recordando na água trêmula  
realejos grandes como altares,  
festivos carrilhões,  
mansos campos de flores.

Sem podridão nenhuma,  
jazerá um afogado nos canais de Amsterdão.

Os lapidários podem vir mirar seus olhos:  
não houve esmeralda assim, nem diamante, nem ditosa safira.  
Mas ninguém pode tocar nesses olhos transparentes,  
que se tornariam viscosos e opacos, fora desse descanso  
onde encantados cintilam.

Poderão os profetas vir mirar seus finos vestidos:  
bordados de mil desenhos comuns e desconhecidos;  
ah! seus vestidos de água, com todas as miragens do mundo,  
seus tênues vestidos como não há nos museus, nos palácios  
nem nas sinagogas...  
Mas não se pode tocar nesse ouro, nessa prata,  
nessa resplandecente seda:  
pois apenas se encontraria limo, areia, lodo.  
Porque a morte é que o veste dessa maneira gloriosa,  
a morte que o guarda nos braços como um belo defunto sagrado.

Sem podridão nenhuma, jazerá um afogado  
nos canais de Amsterdão.

Para sempre jazerá, e quem quiser pode vir vê-lo,  
com seus cabelos estrelados,  
com suas brandas mãos flutuantes, livres de tudo,  
sem qualquer posse,  
com sua boca de sorriso outonal, cor de libélula,  
e o coração luminoso e imóvel, detido como grande joia,  
como o nácar mutável, pela inclinação das horas.

Todo o mundo o verá, com lua, com chuva, com escuridão,  
navegar nos canais, recostado em sua própria leveza e claridade.

Sem podridão nenhuma,  
jazerá um afogado nos canais de Amsterdão.

E eu sei quando ele caiu nessas águas dolentes.  
Eu vi quando ele começou a boiar por esses líquidos caminhos.

Eu me debrucei para ele, da borda da noite,  
e falei-lhe sem palavras nem ais,  
e ele me respondia tão docemente,  
que era felicidade esse profundo afogamento,  
e tudo ficou para sempre numa divina aquiescência  
entre a noite, a minha alma e as águas.

Sem podridão nenhuma, jazerá um afogado  
nos canais de Amsterdão.

Não há nada que se possa cantar em sua memória:  
qualquer suspiro seria uma nuvem, sobre essa nitidez.

O AERONAUTA

## UM

Agora podeis tratar-me  
como quiserdes:  
não sou feliz nem sou triste,  
humilde nem orgulhoso,  
– não sou terrestre.

Agora sei que este corpo,  
insuficiente, em que assiste  
remota fala,  
mui docemente se perde  
nos ares, como o segredo  
que a vida exala.

E seu destino é ir mais longe,  
tão longe, enfim, como a exata  
alma, por onde  
se pode ser livre e isento,  
sem atos além do sonho,  
dono de nada,

mas sem desejo e sem medo,  
e entre os acontecimentos  
tão sossegado!  
Agora podeis mirar-me  
enquanto eu próprio me aguardo,



pois volto e chego,

por muito que surpreendido  
com os seus encontros na terra  
seja o Aeronauta.

## OITO

Ó linguagem de palavras  
longas e desnecessárias!  
Ó tempo lento  
de malbaratado vento  
nessas desordens amargas  
do pensamento...

Vou-me pelas altas nuvens  
onde os momentos se fundem  
numa serena  
ausência feliz e plena,  
liso campo sem paludes  
de febre ou pena.

Por adeuses, por suspiros,  
no território dos mitos,  
fica a memória  
mirando a forma ilusória  
dos precipícios  
da humana e mortal história.

E agora podeis tratar-me  
como quiserdes, – que é tarde,  
que a minha vida,  
de chegada e de partida,

volta ao rodízio dos ares,  
sem despedida.

Por mais que seja querida,  
há menos felicidade  
na volta, do que na ida.

## ONZE

Com desprezo ou com ternura,  
podereis tratar-me, agora.  
Tudo vos digo:  
chorais o que não se chora.  
E os olhos guardais esquivos  
ao que a vida mais procura,  
por eterno compromisso.

Sob o vosso julgamento,  
com o meu segredo  
tão sem mistério,  
tão no rosto desenhado,  
paro como um condenado.  
E logo volto.  
Subo ao meu doce degredo.

Como exígua lançadeira,  
vou sendo o que melhor posso  
de novo e antigo,  
do que é meu e do que é vosso,  
dos mortos como dos vivos,  
por salvar a vida inteira,  
que me tem a seu serviço.

E agora podeis seguir-me,

sem mais tormento,  
sem mais perguntas.  
Tudo é tão longe e tão firme!  
Além da estrela e do vento  
passa o Aeronauta  
com sua mitologia.

Não clameis por sua sorte!  
Tanto é noite quanto é dia.  
E vida e morte.

# ROMANCEIRO DA INCONFIDÊNCIA

## CENÁRIO

*Passei por essas plácidas colinas  
e vi das nuvens, silencioso, o gado  
pascer nas solidões esmeraldinas.*

*Largos rios de corpo sossegado  
dormiam sobre a tarde, imensamente,  
— e eram sonhos sem fim, de cada lado.*

*Entre nuvens, colinas e torrente,  
uma angústia de amor estremecia  
a deserta amplidão na minha frente.*

*Que vento, que cavalo, que bravia  
saudade me arrastava a esse deserto,  
me obrigava a adorar o que sofria?*

*Passei por entre as grotas negras, perto  
dos arroios fanados, do cascalho  
cujo ouro já foi todo descoberto.*

*As mesmas salas deram-me agasalho  
onde a face brilhou de homens antigos,  
iluminada por aflito orvalho.*

*De coração votado a iguais perigos,*

*vivendo as mesmas dores e esperanças,  
a voz ouvi de amigos e inimigos.*

*Vencendo o tempo, fértil em mudanças,  
conversei com doçura as mesmas fontes,  
e vi serem comuns nossas lembranças.*

*Da brenha tenebrosa aos curvos montes,  
do quebrado almocafre aos anjos de ouro  
que o céu sustêm nos longos horizontes,*

*tudo me fala e entende do tesouro  
arrancado a estas Minas enganosas,  
com sangue sobre a espada, a cruz e o louro.*

*Tudo me fala e entendo: escuto as rosas  
e os girassóis destes jardins, que um dia  
foram terras e areias dolorosas,*

*por onde o passo da ambição rugia;  
por onde se arrastava, esquartejado,  
o mártir sem direito de agonia.*

*Escuto os alicerces que o passado  
tingiu de incêndio: a voz dessas ruínas  
de muros de ouro em fogo evaporado.*

*Altas capelas contam-me divinas  
fábulas. Torres, santos e cruzeiros  
apontam-me altitudes e neblinas.*



*Ó pontes sobre os córregos! ó vasta  
desolação de ermas, estéreis serras  
que o sol frequenta e a ventania gasta!*

*Rubras, cinéreas, tenebrosas terras  
retalhadas, por grandes golpes duros,  
de infatigáveis, seculares guerras...*

*Tudo me chama: a porta, a escada, os muros,  
as lajes sobre mortos ainda vivos,  
dos seus próprios assuntos inseguros.*

*Assim viveram chefes e cativos,  
um dia, neste campo, entrelaçados  
na mesma dor, quiméricos e altivos.*

*E assim me acenam por todos os lados.  
Porque a voz que tiveram ficou presa  
na sentença dos homens e dos fados.*

*Cemitério das almas... – que tristeza  
nutre as papoulas de tão vaga essência?  
(Tudo é sombra de sombras, com certeza...*

*O mundo, vaga e inábil aparência,  
que se perde nas lápides escritas,  
sem qualquer consistência ou consequência.*

*Vão-se as datas e as letras eruditas  
na pedra e na alma, sob etéreos ventos,*

*em lúcidas venturas e desditas.*

*E são todas as coisas uns momentos  
de perdulária fantasmagoria,  
– jogo de fugas e aparecimentos.)*

*Das grotas de ouro à extrema escadaria,  
por asas de memória e de saudade,  
com o pó do chão meu sonho confundia.*

*Armado pó que finge eternidade,  
lavra imagens de santos e profetas  
cuja voz silenciosa nos persuade.*

*E recompunha as coisas incompletas:  
figuras inocentes, vis, atrozes,  
vigários, coronéis, ministros, poetas.*

*Retrocedem os tempos tão velozes,  
que ultramarinos árcades pastores  
falam de Ninfas e Metamorfozes.*

*E percebo os suspiros dos amores  
quando por esses prados fluorescentes  
se ergueram duros punhos agressores.*

*Aqui tiniram ferros de correntes;  
pisaram por ali tristes cavalos.  
E enamorados olhos refulgentes*

– parado o coração por escutá-los –  
prantearam nesse pânico de auroras  
densas de brumas e gementes galos.

Isabéis, Doroteias, Eliodoras,  
ao longo desses vales, desses rios,  
viram as suas mais douradas horas

em vasto furacão de desvarios  
vacilar como em caules de altas velas  
cálida luz de trêmulos pavios.

Minha sorte se inclina junto àquelas  
vagas sombras da triste madrugada,  
fluidos perfis de donas e donzelas.

Tudo em redor é tanta coisa e é nada:  
Nise, Anarda, Marília... – quem procuro?  
Quem responde a essa póstuma chamada?

Que mensageiro chega, humilde e obscuro?  
Que cartas se abrem? Quem reza ou pragueja?  
Quem foge? Entre que sombras me aventuro?

Que soube cada santo em cada igreja?  
A memória é também pálida e morta  
sobre a qual nosso amor saudoso adeja.

O passado não abre a sua porta  
e não pode entender a nossa pena.

*Mas, nos campos sem fim que o sonho corta,*

*vejo uma forma no ar subir serena:*

*vaga forma, do tempo desprendida.*

*É a mão do Alferes, que de longe acena.*

*Eloquência da simples despedida:*

*“Adeus! que trabalhar vou para todos!...”*

*(Esse adeus estremece a minha vida.)*

## ROMANCE XXI OU DAS IDEIAS

A vastidão desses campos.  
A alta muralha das serras.  
As lavras inchadas de ouro.  
Os diamantes entre as pedras.  
Negros, índios e mulatos.  
Almocafres e gamelas.

Os rios todos virados.  
Toda revirada, a terra.  
Capitães, governadores,  
padres, intendentess, poetas.  
Carros, liteiras douradas,  
cavalos de crina aberta.  
A água a transbordar das fontes.  
Altares cheios de velas.  
Cavallhadas. Luminárias.  
Sinos. Procissões. Promessas.  
Anjos e santos nascendo  
em mãos de gangrena e lepra.  
Finas músicas broslando  
as alfaias das capelas.  
Todos os sonhos barrocos  
deslizando pelas pedras.  
Pátios de seixos. Escadas.

Boticas. Pontes. Conversas.  
Gente que chega e que passa.  
E as ideias.

Amplas casas. Longos muros.  
Vida de sombras inquietas.  
Pelos cantos das alcovas,  
histerias de donzelas.  
Lamparinas, oratórios,  
bálsamos, pílulas, rezas.  
Orgulhosos sobrenomes.  
Intricada parentela.  
No batuque das mulatas,  
a prosápia degenera:  
pelas portas dos fidalgos,  
na lã das noites secretas,  
meninos recém-nascidos  
como mendigos esperam.  
Bastardias. Desavenças.  
Emboscadas pela treva.  
Sesmarias. Salteadores.  
Emaranhadas invejas.  
O clero. A nobreza. O povo.  
E as ideias.

E as mobílias de cabiúna.  
E as cortinas amarelas.  
D. José. D. Maria.  
Fogos. Mascaradas. Festas.  
Nascimentos. Batizados.

Palavras que se interpretam  
nos discursos, nas saúdes...  
Visitas. Sermões de exéquias.  
Os estudantes que partem.  
Os doutores que regressam.  
(Em redor das grandes luzes,  
há sempre sombras perversas.  
Sinistros corvos espreitam  
pelas douradas janelas.)  
E há mocidade! E há prestígio.  
E as ideias.

As esposas preguiçosas  
na rede embalando as sextas.  
Negras de peitos robustos  
que os claros meninos cevam.  
Arapongas, papagaios,  
passarinhos da floresta.  
Essa lassidão do tempo  
entre embaúbas, quaresmas,  
cana, milho, bananeiras  
e a brisa que o riacho encrespa.  
Os rumores familiares  
que a lenta vida atravessam:  
elefantíases; partos;  
sarna; torceduras; quedas;  
sezões; picadas de cobras;  
sarampos e erisipelas...  
Candombeiros. Feiticeiros.  
Ungentos. Emplastos. Ervas.

Senzalas. Tronco. Chibata.  
Congos. Angolas. Benguelas.  
Ó imenso tumulto humano!  
E as ideias.

Banquetes. Gamão. Notícias.  
Livros. Gazetas. Querelas.  
Alvarás. Decretos. Cartas.  
A Europa a ferver em guerras.  
Portugal todo de luto:  
triste Rainha o governa!  
Ouro! Ouro! Pedem mais ouro!  
E sugestões indiscretas:  
tão longe o trono se encontra!  
Quem no Brasil o tivera!  
Ah, se D. José II  
põe a coroa na testa!  
Uns poucos de americanos,  
por umas praias desertas,  
já libertaram seu povo  
da prepotente Inglaterra!  
Washington. Jefferson. Franklin.  
(Palpita a noite, repleta  
de fantasmas, de presságios...)  
E as ideias.

Doces invenções da Arcádia!  
Delicada primavera:  
pastoras, sonetos, líras,  
– entre as ameaças austeras



de mais impostos e taxas  
que uns protelam e outros negam.  
Casamentos impossíveis.  
Calúnias. Sátiras. Essa  
paixão da mediocridade  
que na sombra se exaspera.  
E os versos de asas douradas,  
que amor trazem e amor levam...  
Anarda. Nise. Marília...  
As verdades e as quimeras.  
Outras leis, outras pessoas.  
Novo mundo que começa.  
Nova raça. Outro destino.  
Plano de melhores eras.  
E os inimigos atentos,  
que, de olhos sinistros, velam.  
E os aleives. E as denúncias.  
E as ideias.

## ROMANCE LIII OU DAS PALAVRAS AÉREAS

Ai, palavras, ai, palavras,  
que estranha potência, a vossa!  
Ai, palavras, ai, palavras,  
sois de vento, ides no vento,  
no vento que não retorna,  
e, em tão rápida existência,  
tudo se forma e transforma!

Sois de vento, ides no vento,  
e quedais, com sorte nova!

Ai, palavras, ai, palavras,  
que estranha potência, a vossa!  
Todo o sentido da vida  
principia à vossa porta;  
o mel do amor cristaliza  
seu perfume em vossa rosa;  
sois o sonho e sois a audácia,  
calúnia, fúria, derrota...

A liberdade das almas,  
ai! com letras se elabora...  
E dos venenos humanos  
sois a mais fina retorta:

frágil, frágil como o vidro  
e mais que o aço poderosa!  
Reis, impérios, povos, tempos,  
pelo vosso impulso rodam...

Detrás de grossas paredes,  
de leve, quem vos desfolha?  
Pareceis de tênue seda,  
sem peso de ação nem de hora...  
– e estais no bico das penas,  
– e estais na tinta que as molha,  
– e estais nas mãos dos juízes,  
– e sois o ferro que arrocha,  
– e sois barco para o exílio,  
– e sois Moçambique e Angola!

Ai, palavras, ai, palavras,  
íeis pela estrada afora,  
erguendo asas muito incertas,  
entre verdade e galhofa,  
desejos do tempo inquieto,  
promessas que o mundo sopra...

Ai, palavras, ai, palavras,  
mirai-vos: que sois, agora?

– Acusações, sentinelas,  
bacamarte, algema, escolta;  
– o olho ardente da perfídia,  
a velar, na noite morta;

– a umidade dos presídios,  
– a solidão pavorosa;  
– duro ferro de perguntas,  
com sangue em cada resposta;  
– e a sentença que caminha,  
– e a esperança que não volta,  
– e o coração que vacila,  
– e o castigo que galopa...

Ai, palavras, ai, palavras,  
que estranha potência, a vossa!  
Perdão podíeis ter sido!  
– sois madeira que se corta,  
– sois vinte degraus de escada,  
– sois um pedaço de corda...  
– sois povo pelas janelas,  
cortejo, bandeiras, tropa...

Ai, palavras, ai, palavras,  
que estranha potência, a vossa!  
Éreis um sopro na aragem...  
– sois um homem que se enforca!

## ROMANCE LXXXIV OU DOS CAVALOS DA INCONFIDÊNCIA

Eles eram muitos cavalos,  
ao longo dessas grandes serras,  
de crinas abertas ao vento,  
a galope entre águas e pedras.  
Eles eram muitos cavalos,  
donos dos ares e das ervas,  
com tranquilos olhos macios,  
habituaados às densas névoas,  
aos verdes prados ondulosos,  
às encostas de árduas arestas,  
à cor das auroras nas nuvens,  
ao tempo de ipês e quaresmas.

Eles eram muitos cavalos  
nas margens desses grandes rios  
por onde os escravos cantavam  
músicas cheias de suspiros.  
Eles eram muitos cavalos  
e guardavam no fino ouvido  
o som das catas e dos cantos,  
a voz de amigos e inimigos,  
– calados, ao peso da sela,  
picados de insetos e espinhos,  
desabafando o seu cansaço

em crepusculares relinchos.

Eles eram muitos cavalos,  
– rijos, destemidos, velozes –  
entre Mariana e Serro Frio,  
Vila Rica e Rio das Mortes.

Eles eram muitos cavalos,  
transportando no seu galope  
coronéis, magistrados, poetas,  
furriéis, alferes, sacerdotes.

E ouviam segredos e intrigas,  
e sonetos e liras e odes:  
testemunhas sem depoimento,  
diante de equívocos enormes.

Eles eram muitos cavalos,  
entre Mantiqueira e Ouro Branco,  
desmanchando o xisto nos cascos,  
ao sol e à chuva, pelos campos,  
levando esperanças, mensagens,  
transmitidas de rancho em rancho.

Eles eram muitos cavalos,  
entre sonhos e contrabandos,  
alheios às paixões dos donos,  
pousando os mesmos olhos mansos  
nas grotas, repletas de escravos,  
nas igrejas, cheias de santos.

Eles eram muitos cavalos:  
e uns viram correntes e algemas,

outros, o sangue sobre a forca,  
outros, o crime e as recompensas.  
Eles eram muitos cavalos:  
e alguns foram postos à venda,  
outros ficaram nos seus pastos,  
e houve uns que, depois da sentença,  
levaram o Alferes cortado  
em braços, pernas e cabeça.  
E partiram com sua carga  
na mais dolorosa inocência.

Eles eram muitos cavalos.  
E morreram por esses montes,  
esses campos, esses abismos,  
tendo servido a tantos homens.  
Eles eram muitos cavalos,  
mas ninguém mais sabe os seus nomes,  
sua pelagem, sua origem...  
E iam tão alto, e iam tão longe!  
E por eles se suspirava,  
consultando o imenso horizonte!  
– Morreram seus flancos robustos,  
que pareciam de ouro e bronze.

Eles eram muitos cavalos.  
E jazem por aí, caídos,  
misturados às bravas serras,  
misturados ao quartzo e ao xisto,  
à frescura aquosa das lapas,  
ao verdor do trevo florido.

E nunca pensaram na morte.  
E nunca souberam de exílios.  
Eles eram muitos cavalos,  
cumprindo seu duro serviço.  
A cinza de seus cavaleiros  
neles aprendeu tempo e ritmo,  
e a subir aos picos do mundo...  
e a rolar pelos precipícios...



PISTOIA, CEMITÉRIO  
MILITAR BRASILEIRO

Eles vieram felizes, como  
para grandes jogos atléticos:  
com um largo sorriso no rosto,  
com forte esperança no peito,  
– porque eram jovens e eram belos.

Marte, porém, soprava fogo  
por estes campos e estes ares.  
E agora estão na calma terra,  
sob estas cruzes e estas flores,  
cercados por montanhas suaves.

São como um grupo de meninos  
num dormitório sossegado,  
com lençóis de nuvens imensas,  
e um longo sono sem suspiros,  
de profundíssimo cansaço.

Suas armas foram partidas  
ao mesmo tempo que seu corpo.  
E, se acaso sua alma existe,  
com melancolia recorda  
o entusiasmo de cada morto.

Este cemitério tão puro  
é um dormitório de meninos:  
e as mães de muito longe chamam,  
entre as mil cortinas do tempo,

cheias de lágrimas, seus filhos.

Chamam por seus nomes, escritos  
nas placas destas cruzes brancas.  
Mas, com seus ouvidos quebrados,  
com seus lábios gastos de morte,  
que não de responder estas crianças?

E as mães esperam que ainda acordem,  
como foram, fortes e belos,  
depois deste rude exercício,  
desta metralha e deste sangue,  
destes falsos jogos atléticos.

Entretanto, céu, terra, flores,  
é tudo horizontal silêncio.  
O que foi chaga, é seiva e aroma,  
– do que foi sonho, não se sabe –  
e a dor anda longe, no vento...

# CANÇÕES

Venturosa de sonhar-te,  
à minha sombra me deito.  
(Teu rosto, por toda parte,  
mas, amor, só no meu peito!)

– Barqueiro, que céu tão leve!  
Barqueiro, que mar parado!  
Barqueiro, que enigma breve,  
o sonho de ter amado!

Em barca de nuvens sigo:  
e o que vou pagando ao vento  
para levar-te comigo  
é suspiro e pensamento.

– Barqueiro, que doce instante!  
Barqueiro, que instante imenso,  
não do amado nem do amante:  
mas de amar o amor que penso!

Há um nome que nos estremece,  
como quando se corta a flor  
e a árvore se torce e padece.

Há um nome que alguém pronuncia  
sem qualquer alegria ou dor,  
e que em nós, é dor e alegria.

Um nome que brilha e que passa,  
que nos corta em puro esplendor,  
que nos deixa em cinza e desgraça.

Nele se acaba a nossa vida,  
porque é o nome total do amor  
em forma obscura e dolorida.

Há um nome levado no vento.  
Palavra. Pequeno rumor  
entre a eternidade e o momento.

Por que nome chamaremos  
quando nos sentirmos pálidos  
sobre os abismos supremos?

De que rosto, olhar, instante,  
veremos brilhar as âncoras  
para as mãos agonizantes?

Que salvação vai ser essa,  
com tão fortes asas súbitas,  
na definitiva pressa?

Ó grande urgência do aflito!  
Ecos de misericórdia  
procuram lágrima e grito,

– andam nas ruas do mundo,  
pondo sedas de silêncio  
em lábios de moribundo.

De que são feitos os dias?

– De pequenos desejos,  
vagarosas saudades,  
silenciosas lembranças.

Entre mágoas sombrias,  
momentâneos lampejos:  
vagas felicidades,  
inatuais esperanças.

De loucuras, de crimes,  
de pecados, de glórias,  
– do medo que encadeia  
todas essas mudanças.

Dentro deles vivemos,  
dentro deles choramos,  
em duros desenlaces  
e em sinistras alianças...



Dos campos do Relativo  
escapei.  
Se perguntam como vivo,  
que direi?

De um salto firme e tremendo,  
– tão de além! –  
chega-se onde estou vivendo  
sem ninguém.

Gostava de estar contigo:  
mas fugi.  
Hoje, o que sonho, consigo,  
já sem ti.

Verei, como quem sempre ama,  
que te vais.  
Não se volta, não se chama  
nunca mais.

Os campos do Relativo  
serão teus.  
Se perguntam como vivo?  
– De adeus.

# METAL ROSICLER

# 1

Não perguntavam por mim,  
mas deram por minha falta.  
Na trama da minha ausência,  
inventaram tela falsa.

Como eu andava tão longe,  
numa aventura tão larga,  
entregue à metamorfose  
do tempo fluido das águas;  
como descera sozinho  
os degraus da espuma clara,  
e o meu corpo era silêncio  
e era mistério minha alma,  
– cantou-se a fábula incerta,  
segundo a linguagem da harpa:  
mas a música é uma selva  
de sal e areia na praia,  
um arabesco de cinza  
que ao vento do mar se apaga.

E o meu caminho começa  
nessa franja solitária,  
no limite sem vestígio,  
na translúcida muralha  
que opõem o sonho vivido

e a vida apenas sonhada.

## 23

Chovem duas chuvas:  
de água e de jasmims  
por estes jardins  
de flores e nuvens.

Sobem dois perfumes  
por estes jardins:  
de terra e jasmims,  
de flores e chuvas.

E os jasmims são chuvas  
e as chuvas, jasmims,  
por estes jardins  
de perfume e nuvens.

# POEMAS ESCRITOS NA ÍNDIA

## MÚSICA

Ia tão longe aquela música, Bhai!  
E o luar brilhava. Mas por mais que o luar brilhasse,  
não se sabia quem tocava e em que lugar.

Pelos degraus daquela música, Bhai,  
podia-se ir além do mundo, além das formas,  
e do arabesco das estrelas pelo céu.

Quem tocaria pela solidão, Bhai,  
na clara noite – toda azul como o deus Krishna –  
alheio a tudo, reclinado contra o mar!

Ia tão longe a tênue música, Bhai!  
E era no entanto uma pequena melodia  
tímida, triste, em dois ou três límpidos sons.

Tão frágil sopro em flauta rústica, Bhai!  
– como o da vida em nossos lábios provisórios...  
– amor? queixume, pensamento? – nomes no ar...

Ele tocava sem saber que ouvido, Bhai,  
podia haver acompanhando esse momento  
da sua rápida presença em frágil voz.

E ia tão longe aquela música, Bhai!

Com quem falava, entre a água e a noite? e que dizia?  
(Da vida à morte, que dizemos, Bhai, e a quem?)



## PRAIA DO FIM DO MUNDO

Neste lugar só de areia,  
já não terra, ainda não mar,  
poderíamos cantar.

Ó noite, solidão, bruma,  
país de estrelas sem voz,  
que cantaremos nós?

As sombras nossas na praia  
podem ser noite e ser mar,  
pelo ar e pela água andar.

Mas o canto, mas o sonho,  
de que modo encontrarão  
o que não é vão?

Cantemos, porém, amigos,  
neste impossível lugar  
que não é terra nem mar:

na praia do fim do mundo  
que não guardará de nós  
sombra nem voz.

**SOLOMBRA**

O gosto da Beleza em meu lábio descansa:  
breve pólen que um vento próximo procura,  
bravo mar de vitória – ah, mas istmos de sal!

Eu – fantasma – que deixo os litorais humanos,  
sinto o mundo chorar como em língua estrangeira:  
eu sei de outra esperança: eu conheço outra dor.

Apenas alta noite algum radioso espelho  
em sua lâmina reflete o que estou sendo.  
E em meu assombro nem conheço o próprio olhar.

Alta é a alucinação da provada Beleza.  
Pura e ardente, esta angústia. E perfeita, a agonia.  
Eu, que a contemplo, vejo um fim que não tem fim.

Dunas da noite que se amontoam.

Eu sou essa pessoa a quem o vento chama,  
a que não se recusa a esse final convite,  
em máquinas de adeus, sem tentação de volta.

Todo horizonte é um vasto sopro de incerteza.  
Eu sou essa pessoa a quem o vento leva:  
já de horizontes libertada, mas sozinha.

Se a Beleza sonhada é maior que a vivente,  
dizei-me: não quereis ou não sabeis ser sonho?  
Eu sou essa pessoa a quem o vento rasga.

Pelos mundos do vento, em meus cílios guardadas  
vão as medidas que separam os abraços.  
Eu sou essa pessoa a quem o vento ensina:

“Agora és livre, se ainda recordas”.

Quero roubar à morte esses rostos de nácar,  
esses corais da aurora, esses véus de safira,  
e antes que em mim também se acabe o céu das pálpebras.

Roubo a seta que vi passar sobre os meus cílios,  
– agora que o ar descai no espaço atravessado,  
e antes que em mim também se acabe o céu das pálpebras.

E por dias sem fim, na imprevista memória  
que o sonho lavra em pedras negras e rebeldes,  
estranhas cenas brilharão, vastas e tímidas.

Este era o acaso a que serviram minhas lágrimas?  
Esta era a doce escravidão da minha vida?  
Isto era toda a tua glória – este resíduo?

E à morte roubo minha alma, apenas?

Dizei-me vosso nome! Acendei vossa ausência!  
Contai-me o vosso tempo e o coração que tínheis!  
De que matéria é feito o passado infrutífero?

Que lírico arquiteto arma longos compassos  
para a curva celeste a que os homens se negam?  
Dizei-me onde é que estais, em que frágil crepúsculo!

Minha pena é maior que o silêncio da vida.  
Não sei se tudo entendo: e nada mais pergunto.  
Assisto – amarga: recordando-me e esquecendo-me.

Quem fostes vós? Quem sois? Quem vimos, nos lugares  
da vossa antiga sombra? E por quem procuramos?  
Que pretendem concluir impossíveis diálogos?

Longe passamos. Todos sozinhos.

# POEMAS III

## URNAS E BRISAS

Entre estas urnas tão claras e lisas,  
escolherei a das minhas cinzas,

embora me pareça que as brisas  
são urnas mais claras, mais lisas, mais finas,

e levem mais longe essas leves cinzas  
que restarem de tão breves ruínas...



# CANTAR DE VERO AMOR

*A Heitor Grillo*

Assim aos poucos vai sendo levada  
a tua Amiga, a tua Amada!

E assim de longe ouvirás a cantiga  
da tua Amada, da tua Amiga.

Abrem-se os olhos – e é de sombra a estrada  
para chegar-se à Amiga, à Amada!

Feçam-se os olhos – e eis a estrada antiga,  
a que levaria à Amada, à Amiga.

(Se me encontrares novamente, nada  
te faça esquecer a Amiga, a Amada!

Se te encontrar, pode ser que eu consiga  
ser para sempre a Amada Amiga!)

## II

E assim aos poucos vai sendo levada  
a tua Amiga, a tua Amada!

E talvez apenas uma estrelinha siga  
a tua Amada, a tua Amiga.

Para muito longe vai sendo levada,  
desfigurada e transfigurada,

sem que ela mesma já não consiga  
dizer que era a tua profunda Amiga,

sem que possa ouvir o que tua alma brada:  
que era a tua Amiga e que era a tua Amada.

Ah! do que se disse nada mais se diga!  
Vai-se a tua Amada – vai-se a tua Amiga!

Ah! do que era tanto não resta mais nada...  
Mas houve essa Amiga! Mas houve essa Amada!

São Paulo, janeiro, 1964

# VOO

*A Darcy Damasceno*

Alheias e nossas  
as palavras voam.  
Bando de borboletas multicores,  
as palavras voam.  
Bando azul de andorinhas,  
bando de gaivotas brancas,  
as palavras voam.  
Voam as palavras  
como águias imensas.  
Como escuros morcegos  
como negros abutres,  
as palavras voam.

Oh! alto e baixo  
em círculos e retas,  
acima de nós, em redor de nós  
as palavras voam.

E às vezes pousam.

Abril, 1964

# POEMAS ITALIANOS

## DISCURSO AO IGNOTO ROMANO

Não está no mármore o teu nome.  
Nem teu perfil nem tua face  
nada revelam do que foste.  
Sabemos só que padeceste,  
como acontece a qualquer homem;  
que foste vivo e contemplaste  
o que jaz entre a alma e o horizonte,  
e, com as grandes estrelas, viste  
os vácuos do céu, na alta noite.  
Cresceste como o bicho e a planta:  
– mas sabendo que há amor e morte.  
Houve um pensamento pousado  
entre as rugas da tua fronte  
e, dos teus olhos aos teus lábios,  
vê-se da lágrima o recorte.

Por que foi talhado o teu rosto  
nessa pedra pálida e suave,  
ninguém se lembra. E as mãos que andaram  
nessa escultura, ninguém sabe.  
Poderoso foste? Do mundo  
que desejaste? que alcançaste?  
Na raiz das tuas pupilas,  
que sonho existiu, na verdade?  
Como pensavas que era a vida?

E de ti mesmo que pensaste?  
Diante desta bela cabeça,  
vendo-a de perfil e de face,  
entre os teus olhos e os do artista,  
qual terá sido a tua frase?

IGNOTO ROMANO esculpido  
por ignota mão, preservando  
no silêncio da pedra o antigo  
rosto, que encobre a ignota sorte,  
parado entre sonho e suspiro,  
sem gesto, sem corpo, sem roupas,  
sem profissão nem compromisso,  
sem dizer a ninguém mais nada  
nem do amigo nem do inimigo...

(E todos os homens – ignotos –  
com os olhos nesse claro abismo,  
sem saberem que estão parados  
ante um puro espelho polido!  
IGNOTO ROMANO – soletram...  
E continuam seu caminho,  
certos de terem algum nome,  
com pena do desconhecido...)

Abril, 1953

# O ESTUDANTE EMPÍRICO

## DESENHO

Traça a reta e a curva,  
a quebrada e a sinuosa.  
Tudo é preciso.  
De tudo viverás.

Cuida com exatidão da perpendicular  
e das paralelas perfeitas.  
Com apurado rigor.  
Sem esquadro, sem nível, sem fio de prumo,  
traçarás perspectivas, projetarás estruturas.  
Número, ritmo, distância, dimensão.  
Tens os teus olhos, o teu pulso, a tua memória.

Construirás os labirintos impermanentes  
que sucessivamente habitarás.

Todos os dias estarás refazendo o teu desenho.  
Não te fatigues logo. Tens trabalho para toda a vida.  
E nem para o teu sepulcro terás a medida certa.

Somos sempre um pouco menos do que pensávamos.  
Raramente, um pouco mais.



## BIOGRAFIA

Cecília Meireles, nome literário de Cecília Benevides de Carvalho Meirelles, nasceu em 7 de novembro de 1901, no Rio de Janeiro, onde faleceu em 9 de novembro de 1964. Os pais, Mathilde Benevides, professora municipal, e Carlos Alberto de Carvalho Meirelles, funcionário do Banco do Brasil, morreram muito cedo. Ele, três meses antes do nascimento da filha, ela, quando a filha contava apenas três anos. Cecília foi também a única sobrevivente de três irmãos – criada então pela avó materna de origem açoriana, Jacintha Garcia Benevides, por quem foi profundamente marcada, sentimento que expressou na extraordinária “Elegia” que encerra o livro *Mar absoluto e outros poemas*, de 1945.

Cursou o primário na Escola Estácio de Sá, concluído com distinção em 1910. Dois anos depois, nessa mesma escola, concluiu igualmente com distinção o curso médio, o que lhe rendeu um prêmio de medalha de ouro com o seu nome gravado, recebida no ano seguinte das mãos do então inspetor escolar do Distrito Federal, o poeta Olavo Bilac. Formou-se em 1917 pela Escola Normal do Instituto de Educação e começou a exercer o magistério primário em escolas oficiais do mesmo Distrito. Estudou línguas e em seguida ingressou no Conservatório de Música. Em 1919 publicou em livro seus primeiros poemas, os sonetos de *Espectros*, que posteriormente renegou.

Em 1922, casou-se com Fernando Correia Dias, artista plástico português de muito prestígio no período, e em 1923 publicou sua segunda coletânea de poesia, *Nunca mais... e Poema dos poemas*, quando nasceu sua primeira filha, Maria Elvira. A segunda filha, Maria Mathilde,

nasceu um ano depois, ano marcado também pela publicação de *Criança meu amor...*, livro de cunho didático. Ao publicar o terceiro livro de poesia, *Baladas para El-Rei*, em 1925, nasceu sua filha Maria Fernanda, consagrada atriz de teatro, cinema e televisão. Em 1927, aproximou-se do grupo da revista *Festa*, principalmente dos escritores Tasso da Silveira, Onestaldo de Pennafort e Andrade Muricy. Em 1929, editou em livro sua tese *O espírito vitorioso*, submetida antes a exame para uma pretendida cadeira de professora de literatura da Escola Normal, não aprovada pelo perfil conservador da banca examinadora, de que fazia parte o pensador católico Alceu Amoroso Lima.

Iniciou-se como cronista em *O Jornal*, do Rio de Janeiro, e passou a participar ativamente do movimento de reformas do ensino. Nos primeiros anos da década de 1930, dirigiu, no *Diário de Notícias*, página diária dedicada a assuntos de educação, mantida até o início de 1933. Em 1934, criou no antigo Pavilhão Mourisco, na praia de Botafogo, uma biblioteca especializada em literatura infantil, pioneira no país, e que quatro anos depois foi impedida de funcionar pela ditadura Vargas. Ainda em meados dessa década, em sua primeira viagem a Portugal, fez conferências nas universidades de Coimbra e Lisboa, e em 1935 publicou respectivamente naquelas cidades os ensaios *Notícia da poesia brasileira e Batuque, samba e macumba*. Nesse mesmo ano enfrentou outra morte trágica, a de seu marido Fernando Correia Dias.

Ainda em 1935, nomeada professora de literatura luso-brasileira e mais tarde técnica e crítica literária na recém-criada Universidade do Distrito Federal, manteve-se nesse magistério por cerca de três anos. Em parceria com Josué de Castro, publicou em 1937 o livro infantojuvenil *A festa das letras*. No ano seguinte, seu livro didático *Rute e Alberto resolveram ser turistas* foi publicado pela prestigiada Editora Globo, de Porto Alegre. Em 1938, com um novo livro de poesia, *Viagem*, conquistou o prêmio Olavo Bilac da Academia Brasileira de Letras.

Editado em Lisboa em 1939, o livro ganhou rápido reconhecimento crítico e inaugurou uma nova fase em sua obra. Em 1940, ano do seu casamento com Heitor Vinicius da Silveira Grillo, agrônomo, lecionou Literatura e Cultura Brasileiras na Universidade do Texas, Estados Unidos, com passagem pelo México, onde proferiu conferências sobre literatura, folclore e educação. Em 1941, começou a dirigir a revista *Travel in Brazil* do Departamento de Imprensa e Propaganda.

Em 1948, colaborou com a Comissão Nacional do Folclore, atividade que a manteve sempre muito ligada à mitologia brasileira, como estudiosa e militante das artes e das letras. Nessas mesmas frentes, secretariou o Primeiro Congresso Nacional de Folclore, em 1951, e publicou o ensaio “Artes populares” no volume em coautoria *As artes plásticas no Brasil*, de 1952. Nos primeiros meses de 1953, lançou um de seus grandes sucessos de crítica e público, *Romanceiro da Inconfidência*, livro concebido em meados dos anos 1940 como peça teatral e posteriormente concluído como poema dramático. Ainda em 1953, foi publicada em Haia a sua antologia *Poèmes*. Nessa mesma década, fez circular em edições fora de comércio *Pequeno oratório de Santa Clara*, *Pistoia*, *cemitério militar brasileiro*, *Espelho cego*, *Giroflê*, *giroflá*, *Romance de Santa Cecília* e *A rosa*.

Entre as décadas de 1930 e 1960, foi cronista de diversos jornais do Rio de Janeiro (*A Manhã*, *Folha Carioca*, *Diário de Notícias*) e de São Paulo (*Correio Paulistano*, *Folha da Manhã*, *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo*), publicou numerosos livros de ensaios e conferências, diversas traduções que se tornaram clássicas – a exemplo do romance *Orlando*, de Virgínia Woolf –, organizou antologias e realizou várias viagens ao exterior, geralmente a serviço da literatura. Entre outros países, visitou Argentina, Chile, Uruguai, Porto Rico, Holanda, Portugal, Itália, Grécia, Israel, Goa e Índia. Neste último país, onde permaneceu de janeiro a março de 1953, recebeu o título de Doutora *Honoris Causa* da

Universidade de Delhi. Essa permanência no país de Gandhi e Tagore ainda lhe renderia diversas crônicas e os *Poemas escritos na Índia*, coletânea publicada oito anos depois.

Em 1958, publicou pela Editora José Aguilar sua *Obra poética* (poesia reunida) e em 1961 iniciou colaboração de cronista para o programa *Quadrante*, da Rádio Ministério da Educação e Cultura. Também no início da década de 1960, escreveu crônicas para o programa *Vozes da cidade*, da Rádio Roquette-Pinto, e em 1963 lançou seu derradeiro livro de poesia, *Solombra*, premiado com o Jabuti. Em 1964, foi a vez da publicação de *Ou isto ou aquilo*, livro ilustrado por Maria Bonomi que logo se tornou um clássico de nossa literatura infantojuvenil. Em 1965, conquistou postumamente o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto de sua obra.

# BIBLIOGRAFIA DE CECÍLIA MEIRELES

## POESIA

*Espectros*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro & Maurillo, 1919. São Paulo: Global, 2013.

*Nunca mais... e Poema dos poemas*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1923. São Paulo: Global, 2015.

*Baladas para el-rei*. Rio de Janeiro: Brasileira Lux, 1925. São Paulo: Global, 2016.

*Viagem*. Lisboa: Ocidente, 1939. São Paulo: Global, 2012.

*Vaga música*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1942. São Paulo: Global, 2013.

*Mar absoluto e outros poemas*. Porto Alegre: Globo, 1945. São Paulo: Global, 2015.

*Retrato natural*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1949. São Paulo: Global, 2014.

*Amor em Leonoreta*. Rio de Janeiro: Hipocampo, 1951. São Paulo: Global, 2013.

*Doze noturnos da Holanda & O Aeronauta*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1952.

*Romanceiro da Inconfidência*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1953. São Paulo: Global, 2012.

*Pequeno oratório de Santa Clara*. Rio de Janeiro: Philobibliion, 1955.

*Pistoia, cemitério militar brasileiro*. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1955.

*Espelho cego*. Rio de Janeiro: separata da revista *A Sereia*, 1955.

*Canções*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1956. São Paulo: Global, 2016.

*A rosa*. Salvador: Dinamene, 1957.

*Romance de Santa Cecília*. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1957.

*Metal rosicler*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1960. São Paulo: Global, 2014.

*Poemas escritos na Índia*. Rio de Janeiro: São José, [1961]. São Paulo: Global, 2014.

*Solombra*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1963. São Paulo: Global, 2013.

*Crônica trovada da cidade de Sam Sebastiam no quarto centenário da sua fundação pelo capitam-mor Estácio de Saa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.

*Poemas italianos*. Edição bilíngue, versão italiana de Edoardo Bizzarri. São Paulo: Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1968. São Paulo: Global, 2016.

*Cânticos*. São Paulo: Moderna, 1981. São Paulo: Global, 2015.

*Oratório de Santa Maria Egípcíaca*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

*O estudante empírico*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

*Doze noturnos da Holanda*. São Paulo: Global, 2014.

*O Aeronauta*. São Paulo: Global, 2014.

*Morena, pena de amor.* São Paulo: Global, 2015.

*Sonhos.* São Paulo: Global, 2016.

*Poemas de viagens.* São Paulo: Global, 2016.

## **POESIA REUNIDA, ANTOLOGIAS E EDIÇÕES ESPECIAIS**

*Obra poética.* Rio de Janeiro: José Aguilar, 1958.

*Antologia poética.* Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1963. São Paulo: Global, 2013.

*Obra poética.* 2. ed. aumentada. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1967.

*Flor de poemas.* Organização de Paulo Mendes Campos. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1972.

*Urnas e brisas.* Bahia/Dakar: Dinamene, 1972.

*Seleção em prosa e verso.* Organização de Darcy Damasceno. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

*Poesias completas.* Organização de Darcy Damasceno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973/1974. 9 v.

*Poesia.* Organização de Darcy Damasceno. Rio de Janeiro: Agir, 1974.

*Elegias.* Ilustrações de Aldemir Martins. Rio de Janeiro: Alumbramento, 1974.

*Flores e canções.* Ilustrações de Maria Helena Vieira da Silva. Rio de Janeiro: Confraria dos Amigos do Livro, 1979.

*Cecília Meireles: literatura comentada.* Organização de Norma Seltzer Goldstein e Rita de Cássia Barbosa. São Paulo: Abril, 1982.

- Viagem/Vaga música*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- Viagem e Vaga música*. São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura, 1982.
- Mar absoluto/Retrato natural*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- Romanceiro da Inconfidência/Crônica trovada da cidade de Sam Sebastiam*.  
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- Os melhores poemas*. Organização de Maria Fernanda. São Paulo:  
Global, 1984.
- Doze noturnos da Holanda e outros poemas*. Rio de Janeiro: Nova  
Fronteira, 1986.
- Verdes reinos encantados*. Organização de Maria Fernanda. Rio de  
Janeiro: Salamandra, 1988.
- Poesia completa*. Organização de Walmir Ayala. Rio de Janeiro: Nova  
Aguilar, 1994.
- Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. 4 v.
- Poesia completa*. Organização de Antonio Carlos Secchin. Rio de  
Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 2 v.
- Espectros*. Edição fac-similar. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- Amor em Leonoreta/Doze noturnos da Holanda & O Aeronauta/Poemas  
escritos na Índia/Pequeno oratório de Santa Clara/Pistoia, cemitério  
militar brasileiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- Romanceiro da Inconfidência*. Ilustrações de Renina Katz. São Paulo:  
Edusp/Imprensa Oficial, 2004.
- Solombra/Sonhos/Poemas de viagens*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,  
2005.



*Palavras e pétalas.* Organização de Antonio Carlos Secchin. Rio de Janeiro: Desiderata, 2008.

*Cecília de bolso: uma antologia poética.* Organização de Fabrício Carpinejar. Porto Alegre: L&PM pocket, 2008.

*Romanceiro da Inconfidência: edição comemorativa – 60 anos.* Organização de André Seffrin. São Paulo: Global, 2013.

*Pequeno oratório de Santa Clara/Romance de Santa Cecília/Oratório de Santa Maria Egípcíaca.* São Paulo: Global, 2014.

*Pistoia, cemitério militar brasileiro.* Edição fac-similar. São Paulo: Global, 2016.

*Melhores poemas Cecília Meireles.* Organização de André Seffrin. São Paulo: Global, 2016.

## **NO EXTERIOR**

*Antologia poética (1923-1945).* Versão de Gaston Figueira. Montevideú: Cuadernos “Poesía de América”, 1947.

*Poèmes.* Versão de Mélot du Dy. La Haye: Erospress, 1953.

*Poésie.* Versão de Gisèle Slesinger Tygel. Paris: Seghers, 1967.

*Poésie.* Versão de Gisèle Slesinger Tygel, edição especial, ilustrações de Maria Helena Vieira da Silva. Paris: Seghers, 1967.

*Antologia poética.* Org. Francisco da Cunha Leão e David Mourão-Ferreira. Lisboa: Guimarães, 1968.

*Poems in translation.* Versão de Henry Keith e Raymond Sayers. Washington: Brazilian-American Cultural Institute, 1977.

*Mapa falso y otros poemas.* Versão de Estela dos Santos. Montevideú: Calicanto, 1979.

*Poemas.* Versão de Ricardo Silva-Santisteban. Lima: Centro de Estudios Brasileños, 1979.

*La materia del tiempo.* Versão de Maricela Terán. México: Premia, 1983.

*Mare assoluto e altre poesie.* Versão de Mirella Abriani. Milão: Lineacultura, 1997.

*Antologia poética.* Lisboa: Relógio D'Água, 2002.

*Travelling and meditating: poems written in India and other poems.* Versão indiana e inglesa de Rita R. Sanyal e Dilip Loundo. Nova Delhi: Embassy of Brazil, 2003.

*O instante existe.* Cascais: Arteplural, 2003.

*Romanceiro da Inconfidência.* Lisboa: Relógio D'Água, 2008.

## **PROSA POÉTICA**

*Evocação lírica de Lisboa.* Lisboa: separata da revista *Atlântico*, 1948.

*Giroflê, giroflá.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956. São Paulo: Global, 2015.

*Eternidade de Israel.* Rio de Janeiro: Centro Cultural Brasil-Israel, 1959.

*Olhinhos de gato.* São Paulo: Moderna, 1980. São Paulo: Global, 2015.

*Diário de bordo.* São Paulo: Global, 2015.

## **CRÔNICA**

*Quadrante 1.* Em parceria com Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Dinah Silveira de Queiroz, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1962.

*Quadrante 2.* Em parceria com Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Dinah Silveira de Queiroz, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1963.

*Escolha o seu sonho.* Rio de Janeiro: Record, 1964. São Paulo: Global, 2016.

*Vozes da cidade.* Em parceria com Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Genolino Amado, Henrique Pongetti, Maluh de Ouro Preto, Rachel de Queiroz. Rio de Janeiro: Record, 1965.

*Inéditos.* Rio de Janeiro: Bloch, 1967.

*Ilusões do mundo.* Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976. São Paulo: Global, 2013.

*O que se diz e o que se entende.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. São Paulo: Global, 2016.

*Janela mágica.* São Paulo: Moderna, 1981. São Paulo: Global, 2016.

*Quatro vozes.* Em parceria com Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Rachel de Queiroz. Rio de Janeiro: Record, 1984.

*Obra em prosa: crônicas em geral – tomo 1.* Organização de Leodegário A. de Azevedo Filho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

*Crônicas de viagem (obra em prosa).* Organização de Leodegário A. de Azevedo Filho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998/1999. São Paulo: Global, 2016. 3 v.

*Crônicas de educação (obra em prosa)*. Organização de Leodegário A. de Azevedo Filho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. São Paulo: Global, 2016. 5 v.

*Melhores crônicas*. Organização de Leodegário A. de Azevedo Filho. São Paulo: Global, 2003.

*Episódio humano: prosa 1929-1930*. Rio de Janeiro: Desiderata/Batel, 2007.

*Crônicas para jovens*. Organização de Antonieta Cunha. São Paulo: Global, 2012.

## **TEATRO**

*O menino atrasado*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1966.

## **CORRESPONDÊNCIA**

*A lição do poema: cartas de Cecília Meireles a Armando Côrtes-Rodrigues*. Organização de Celestino Sachet. Ponta Delgada: Instituto Cultural, 1998.

*Três Marias de Cecília*. Organização de Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: Moderna, 2006.

## **LITERATURA INFANTOJUVENIL**

*A festa das letras*. Em parceria com Josué de Castro. Porto Alegre: Globo, 1937. São Paulo: Global, 2015.

*Ou isto ou aquilo*. São Paulo: Giroflê, 1964.

*Ou isto ou aquilo & inéditos*. São Paulo: Melhoramentos, 1969.

*Ou isto ou aquilo*. Organização de Walmir Ayala. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. São Paulo: Global, 2012.

*Canção da tarde no campo*. São Paulo: Global, 2001.

*O menino azul*. São Paulo: Global, 2002.

*As palavras voam*. Organização de Bartolomeu Campos de Queirós. São Paulo: Moderna, 2005. São Paulo: Global, 2013.

*Os pescadores e as suas filhas*. São Paulo: Global, 2012.

## **LITERATURA INFANTIL E INFANTOJUVENIL NO EXTERIOR**

*Ojitos de gato*. Buenos Aires: Centro de Estudios Brasileños, 1981.  
(versão espanhola de Roberto Romero Escalada)

## **DIDÁTICO**

*Criança meu amor*. Rio de Janeiro: Tipografia Anuário do Brasil, 1924.  
São Paulo: Global, 2013.

*Rute e Alberto resolveram ser turistas*. Porto Alegre: Globo, 1938.

## **DIDÁTICO NO EXTERIOR**

*Rute e Alberto*. Boston: D.C. Heath, 1945.

## **ENSAIO E CONFERÊNCIA**

*O espírito vitorioso*. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1929.

*Saudação à menina de Portugal*. Rio de Janeiro: Gabinete Português de Leitura, 1930.

*Leituras infantis*. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica do Departamento de Educação, 1934.

*Rui*: pequena história de uma grande vida. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1949.

*Problemas da literatura infantil*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1951.  
São Paulo: Global, 2016.

*As artes plásticas no Brasil I*. Em parceria com Frederico Barata, Gastão Cruels, Reinaldo dos Santos, J. Wash Rodrigues, José Gisella Valladares, Francisco Marques dos Santos, organização de Rodrigo M. F. de Andrade. Rio de Janeiro: Emp. Gráf. Ouvidor, 1952.

*A Bíblia na poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Centro Cultural Brasil-Israel, [1957].

*3 conferências sobre cultura hispano-americana*. Em parceria com Manuel Bandeira e Augusto Tamayo Vargas. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Serviço de Documentação/Departamento de Imprensa Nacional, 1959.

Gandhi. In: *Quatro apóstolos modernos*. São Paulo: Donato, s/d.

*Rabindranath Tagore and the East West Unity*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1962.

*Notas de folclore gaúcho-açoriano*. Rio de Janeiro: Cadernos do Folclore 3/Ministério da Educação e Cultura/Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1968.

*Artes populares: as artes plásticas no Brasil*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1968.

*Batuque, samba e macumba: estudos de gesto e de ritmo 1926-1934.* Versão também em inglês. Rio de Janeiro: Funarte/Instituto Nacional do Folclore, 1983. São Paulo: Global, 2016.

*Três poetas brasileiros apaixonados por Fernando Pessoa.* Em parceria com Murilo Mendes e Lúcio Cardoso, organização de Edson Nery da Fonseca. Recife: Massangana/Fundação Joaquim Nabuco, 1985.

*Gabriela Mistral & Cecília Meireles: ensaios de Cecília Meireles e Adriana Valdés.* Organização de Alberto da Costa e Silva e Ernesto Livacic. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Santiago do Chile: Academia Chilena de la Lengua, 2003. (edição bilíngue)

## **ENSAIO E CONFERÊNCIA NO EXTERIOR**

*Notícia da poesia brasileira.* Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, 1935.

*Batuque, samba e macumba.* Lisboa: separata da revista *Mundo Português*, 1935.

*Panorama folclórico dos Açores: especialmente da Ilha de S. Miguel.* Ponta Delgada: Instituto Cultural da Ponta Delgada, 1955.

*Tagore and Brazil.* Nova Delhi: Sahitya Akademy, 1961.

## **ORGANIZAÇÃO DE ANTOLOGIA**

*Poetas novos de Portugal.* Rio de Janeiro: Dois Mundos, 1944.

*Cecília e Mário.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

## **TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO**

*As mil e uma noites*. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, [1926]. 3 v.

*Os mitos hitleristas: problemas da Alemanha contemporânea*, de François Perroux. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

*A canção de amor e de morte do porta-estandarte Cristóvão Rilke*, de Rainer Maria Rilke. Rio de Janeiro: Revista Acadêmica, 1947.

*Orlando: biografia*, de Virgínia Woolf. Porto Alegre: Globo, 1948.

*Os caminhos de Deus*, de Kathryn Hulme. Rio de Janeiro: Seleções do Reader's Digest, 1958. (versão condensada, em *Biblioteca das Seleções*)

*Bodas de sangue*, de Federico García Lorca. Rio de Janeiro: Agir, 1960.

*Um conto de Natal*, de Charles Dickens. Rio de Janeiro/São Paulo: Seleções do Reader's Digest, s/d. São Paulo: Global, 2012.

*Amado e glorioso médico*, de Taylor Caldwell. Rio de Janeiro/São Paulo: Seleções do Reader's Digest, 1960. (versão condensada, em *Biblioteca das Seleções*)

*Rabindranath Tagore*. Em parceria com Abgar Renault e Guilherme de Almeida. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Serviço de Documentação, 1962.

*Çaturanga*, de Rabindranath Tagore. Rio de Janeiro: Delta, 1962.

*Poesia de Israel*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962.

*Yerma*, de Federico García Lorca. Rio de Janeiro: Agir, 1963.

*Poemas chineses*, de Li Po e Tu Fu. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.



## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ANDRADE, Mário de. Cecília e a poesia. In: \_\_\_\_\_. *O empalhador de passarinho*. São Paulo: Martins, [1946].

\_\_\_\_\_. Viagem. In: \_\_\_\_\_. *O empalhador de passarinho*. São Paulo: Martins, [1946].

AYALA, Walmir. Nas fronteiras do mar absoluto. In: MEIRELES, Cecília. *Crônica trovada da cidade de Sam Sebastiam no quarto centenário da sua fundação pelo capitam-mor Estácio de Saa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.

\_\_\_\_\_. Introdução. In: MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

BANDEIRA, Manuel. *Apresentação da poesia brasileira*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

BLOCH, Pedro. Cecília Meireles. *Entrevista: vida, pensamento e obra de grandes vultos da cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Bloch, 1989.

BONAPACE, Adolphina Portella. *O Romanceiro da Inconfidência: meditação sobre o destino do homem*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1974.

BOSI, Alfredo. Em torno da poesia de Cecília Meireles. In: \_\_\_\_\_. *Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2003.

CARPEAUX, Otto Maria. Poesia intemporal. In: \_\_\_\_\_. *Ensaios reunidos: 1942-1978*. Rio de Janeiro: UniverCidade/Topbooks, 1999.

- CAVALIERI, Ruth Villela. *Cecília Meireles: o ser e o tempo na imagem refletida*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.
- CORREA, Roberto Alvim. Cecília Meireles. In: \_\_\_\_\_. *Anteu e a crítica: ensaios literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.
- CUNHA, Fausto. Para um novo conceito de modernidade. In: \_\_\_\_\_. *Romantismo e modernidade na poesia*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1988.
- DAMASCENO, Darcy. *Cecília Meireles: o mundo contemplado*. Rio de Janeiro: Orfeu, 1967.
- \_\_\_\_\_. *De Gregório a Cecília*. Organização de Antonio Carlos Secchin e Iracilda Damasceno. Rio de Janeiro: Galo Branco, 2007.
- GARCIA, Othon M. Exercício de numerologia poética: paridade numérica e geometria do sonho em um poema de Cecília Meireles. In: \_\_\_\_\_. *Esfinge clara e outros enigmas: ensaios estilísticos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.
- GENS, Rosa (Org.). *Cecília Meireles: o desenho da vida*. Rio de Janeiro: Setor Cultural/Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Mulher na Literatura/UFRJ, 2002.
- GOLDSTEIN, Norma Seltzer. *Roteiro de leitura: Romanceiro da Inconfidência de Cecília Meireles*. São Paulo: Ática, 1988.
- GOUVÊA, Leila V. B. (Org.). *Ensaio sobre Cecília Meireles*. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Pensamento e "lirismo puro" na poesia de Cecília Meireles*. São Paulo: Edusp, 2008.
- GOUVEIA, Margarida Maia. *Cecília Meireles: uma poética do "eterno instante"*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2002.

- HANSEN, João Adolfo. *Solombra ou A sombra que cai sobre o eu*. São Paulo: Hedra, 2005.
- JUNQUEIRA, Ivan. As raízes da “vaga música” cecilianas. In: \_\_\_\_\_. *Cinzas do espólio: ensaios*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- LISBOA, Henriqueta. Cecília Meireles. In: \_\_\_\_\_. *Convívio poético*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1955.
- MALEVAL, Maria do Amparo Tavares. Cecília Meireles. In: \_\_\_\_\_. *Poesia medieval no Brasil*. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2002.
- MANNA, Lúcia Helena Scaraglia. *Pelas trilhas do Romancero da Inconfidência*. Niterói: EDUFF, 1985.
- MARTINS, Wilson. Lutas literárias (?). In: \_\_\_\_\_. *O ano literário: 2002-2003*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.
- MELLO, Ana Maria Lisboa de (Org.). *Cecília Meireles & Murilo Mendes (1901-2001)*. Porto Alegre: Uniprom, 2002.
- \_\_\_\_\_. A poesia metafísica no Brasil. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *A poesia metafísica no Brasil: percursos e modulações*. Porto Alegre: Libretos, 2009.
- \_\_\_\_\_; UTÉZA, Francis. *Oriente e ocidente na poesia de Cecília Meireles*. Porto Alegre: Libretos, 2006.
- MILLIET, Sergio. *Panorama da moderna poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde/Serviço de Documentação, 1952.
- MOISÉS, Massaud. Cecília Meireles. In: \_\_\_\_\_. *História da literatura brasileira: Modernismo*. São Paulo: Cultrix, 1989.
- MONTEIRO, Adolfo Casais. Cecília Meireles. In: \_\_\_\_\_. *Figuras e problemas da literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Instituto

de Estudos Brasileiros, 1972.

MOURÃO-FERREIRA, David. Motivos e temas na poesia de Cecília Meireles. In: \_\_\_\_\_. *Hospital das letras*. Lisboa: Moraes, 1966.

MURICY, Andrade. Cecília Meireles. In: \_\_\_\_\_. *A nova literatura brasileira: crítica e antologia*. Porto Alegre: Globo, 1936.

\_\_\_\_\_. Cecília Meireles. In: \_\_\_\_\_. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. 2. ed. Brasília: Conselho Federal de Cultura/Instituto Nacional do Livro, 1973. v. 2.

NEMÉSIO, Vitorino. A poesia de Cecília Meireles. In: \_\_\_\_\_. *Conhecimento de poesia*. Salvador: Progresso, 1958.

NEVES, Margarida de Souza; LÔBO, Yolanda Lima; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Orgs.). *Cecília Meireles: a poética da educação*. Rio de Janeiro: PUC; São Paulo: Loyola, 2001.

OLIVEIRA, Ana Maria Domingues de. *Estudo crítico da bibliografia sobre Cecília Meireles*. São Paulo: Humanitas/USP, 2001.

PAES, José Paulo. Poesia nas alturas. In: \_\_\_\_\_. *Os perigos da poesia e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

PARAENSE, Sílvia. *Cecília Meireles: mito e poesia*. Santa Maria: UFSM, 1999.

PEREZ, Renard. Cecília Meireles. In: \_\_\_\_\_. *Escritores brasileiros contemporâneos – 2ª série: 22 biografias, seguidas de antologia*. 2. ed. revista e atualizada, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

PICCHIO, Luciana Stegagno. A poesia atemporal de Cecília Meireles, “pastora das nuvens”. In: \_\_\_\_\_. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

- PÓLVORA, Hélio. Caminhos da poesia: Cecília. In: \_\_\_\_\_. *Graciliano, Machado, Drummond & outros*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. Solombra. In: \_\_\_\_\_. *Do barroco ao modernismo: estudos de poesia brasileira*. 2. ed. revista e aumentada, Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.
- RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1939.
- \_\_\_\_\_. *Viagem no tempo e no espaço: memórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.
- RÓNAI, Paulo. O conceito de beleza em *Mar absoluto*. In: \_\_\_\_\_. *Encontros com o Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Batel, 2009.
- \_\_\_\_\_. Uma impressão sobre a poesia de Cecília Meireles. In: \_\_\_\_\_. *Encontros com o Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Batel, 2009.
- SADLIER, Darlene J. *Imagery and theme in the poetry of Cecília Meireles: a study of Mar absoluto*. Madri: José Porrúa Turanzas, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Cecília Meireles & João Alphonsus*. Brasília: André Quicé, 1984.
- SALGUEIRO, Wilberth. De como se lia Cecília Meireles: breve revisão crítica e alguns exercícios comparativos. In: \_\_\_\_\_. *Lira à brasileira: erótica, poética, política*. Vitória: Edufes, 2007.
- SANCHES NETO, Miguel. Cecília Meireles e o tempo inteiriço. In: MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. v. 1. Org. Antonio Carlos Secchin.
- SECCHIN, Antonio Carlos. Cecília: a incessante canção. In: \_\_\_\_\_. *Escritos sobre poesia & alguma ficção*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

\_\_\_\_\_. O enigma Cecília Meireles. In: \_\_\_\_\_. *Memórias de um leitor de poesia & outros ensaios*. Rio de Janeiro: Topbooks/Academia Brasileira de Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. *Cecília Meireles e os Poemas escritos na Índia*. In: \_\_\_\_\_. *Memórias de um leitor de poesia & outros ensaios*. Rio de Janeiro: Topbooks/Academia Brasileira de Letras, 2010.

SENA, Jorge de. Sobre Cecília Meireles, C. Drummond de Andrade, etc. In: \_\_\_\_\_. *Estudos de cultura e literatura brasileira*. Lisboa: Edições 70, 1988.

SIMÕES, João Gaspar. Cecília Meireles: *Metal rosicler*. In: \_\_\_\_\_. *Crítica II: poetas contemporâneos (1946-1961)*. Lisboa: Delfos, s/d.

VILLAÇA, Antonio Carlos. Cecília Meireles: a eternidade entre os dedos. In: \_\_\_\_\_. *Tema e voltas*. Rio de Janeiro: Hachette, 1975.

# ÍNDICE

O gosto infinito das respostas que não se encontram

## VIAGEM

Motivo

Retrato

Conveniência

Canção

Canção

Aceitação

Terra

Guitarra

Noções

Epigrama nº 7

Ressurreição

Sereia

Destino

## VAGA MÚSICA

Epitáfio da navegadora

Canção excêntrica

Canção quase inquieta

A doce canção

Canção de alta noite

Memória

Ida e volta em Portugal

Campos verdes

Encomenda

Explicação

Reinvenção

Eco

Despedida

## MAR ABSOLUTO

Mar absoluto

Madrugada no campo

Sugestão

Museu

Desejo de regresso

Por baixo dos largos ficus...

2º motivo da rosa

O tempo no jardim

Beira-mar

Leveza

Desenho

Pedido

Mulher ao espelho

5º motivo da rosa

Os dias felizes

Elegia 1933-1937

## RETRATO NATURAL



Apresentação

Cantarão os galos

Elegia a uma pequena borboleta

Vigília

Balada das dez bailarinas do cassino

Pássaro

Canção póstuma

Canção

Canção do Amor-Perfeito

Improviso para Norman Fraser

O cavalo morto

## DOZE NOTURNOS DA HOLANDA

Três

Oito

Doze

## O AERONAUTA

Um

Oito

Onze

## ROMANCEIRO DA INCONFIDÊNCIA

Cenário

Romance XXI ou Das ideias

Romance LIII ou Das palavras aéreas

Romance LXXXIV ou Dos cavalos da Inconfidência

## PISTOIA, CEMITÉRIO MILITAR BRASILEIRO

[Eles vieram felizes, como]

## CANÇÕES

[Venturosa de sonhar-te,]

[Há um nome que nos estremece,]

[Por que nome chamaremos]

[De que são feitos os dias?]

[Dos campos do Relativo]

## METAL ROSICLER

1

23

## POEMAS ESCRITOS NA ÍNDIA

Música

Praia do fim do mundo

## SOLOMBRA

[O gosto da Beleza em meu lábio descansa:]

[Eu sou essa pessoa a quem o vento chama,]

[Quero roubar à morte esses rostos de nácar,]

[Dizei-me vosso nome! Acendei vossa ausência!]

## POEMAS III

Urnas e brisas

Cantar de vero amor

Voo

POEMAS ITALIANOS

Discurso ao ignoto romano

O ESTUDANTE EMPÍRICO

Desenho

BIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA DE CECÍLIA MEIRELES

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

“O que distingue, particularmente, a poesia de Cecília, é a luminosa simplicidade com que ela se utiliza do mistério, em cuja atmosfera respira. [...] Valoriza as palavras quotidianas, para que elas digam o indizível. Com um número restrito de palavras, realiza o milagre.”

**Henriqueta Lisboa**

“Revisitando agora a imaculada galeria de seus livros [...] é que essa poesia sem paridade no quadro da língua, pela peregrina síntese vocabular e fluidez de atmosfera, nos aparece como a razão maior de haver existido um dia Cecília Meireles. A mulher extraordinária foi apenas uma ocasião, um instrumento, afinadíssimo, a revelar-nos a mais evanescente e precisa das músicas. E esta música hoje não depende de executante. Circula no ar, para sempre.”

**Carlos Drummond de Andrade**

“Quero crer que a grandeza maior do lirismo ceciliano é a de ser tão contíguo à vida, uma forma de respirar poeticamente, de tal maneira que não vejo nada maior do que ela, neste sentido, em quatrocentos anos de poesia produzida no Brasil.”

**Walmir Ayala**

“Ela é desses artistas que tiram seu ouro onde o encontram, escolhendo por si, com rara independência. E seria este o maior traço da sua personalidade, o ecletismo, si ainda não fosse maior o misterioso acerto, dom raro, com que ela se conserva sempre dentro da mais íntima e verdadeira poesia.”

**Mário de Andrade**

© **Condomínio dos Proprietários dos Direitos Intelectuais de Cecília Meireles**

Direitos cedidos por Solombra – Agência Literária ([solombra@solombra.org](mailto:solombra@solombra.org))

1ª Edição Digital, Global Editora, 2020

**Jefferson L. Alves** – diretor editorial

**Gustavo Henrique Tuna** – gerente editorial

**Flávio Samuel** – gerente de produção

**Flavia Baggio** – coordenadora editorial e revisão

**Jefferson Campos** – assistente de produção

**Fernanda B. Bincoletto** – assistente editorial

**Eduardo Okuno** – capa

**Imagem de capa** – Fernando Correia Dias

**Schaffer Editorial** – produção digital

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Meireles, Cecília, 1901-1964

Melhores poemas [livro eletrônico] : Cecília Meireles / seleção e prefácio André Seffrin. -

- 1. ed. -- São Paulo : Global Editora, 2020. -- (Coleção melhores poemas / direção Edla Van Steen)

798 Kb ; ePub

Bibliografia.

ISBN 978-65-5612-030-0

I. Poesia brasileira I. Seffrin, André. II. Steen, Edla Van. III. Título. IV. Série.

20-43860

CDD-B869.1

---

### **Índices para catálogo sistemático:**

I. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Obra atualizada conforme o

**Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.**

**global**  
editora

Direitos Reservados

**global editora e distribuidora ltda.**

Rua Pirapitingui, 111 – Liberdade

CEP 01508-020 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3277-7999

e-mail: [global@globaleditora.com.br](mailto:global@globaleditora.com.br)

[www.globaleditora.com.br](http://www.globaleditora.com.br)



Colabore com a produção científica e cultural.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra  
sem a autorização do editor.

Nº de Catálogo: **3811.EB**